

diga de hum dia inteiro não tenha achado nas flores o sustento, quando se recolhe cansada, o acha no favo, e o gosta com descanso, e mais doce, e suave do que o acharia nas flores; e vem esta a ficar de melhor partido, do que as que nellas o achárão, que esse lhe servio de sustento, e não gostão do que está recolhido no favo; que he mais puro, e suave.

131 Assim a alma como abelha argumentosa, se em hum objecto acha bastante cuco, e substancia em que ocupe o espirito, e os affectos, aqui se detenha, daqui não faya, ali se sustente, e goste aquella suavidade, e doçura, e repita hũa, e muitas vezes a meditação sobre a mesma materia: mas tanto que em hũa se vir sêcca, tire della o fructo, que poder, e passe a outra, e a outras, tirando sempre affecto de todas, athe faciar o espirito. E se depois de gastar o tempo nesta fadiga se achar a alma faminta, e lhe parecer que nada tem conseguido, saiba que não perdeu o tempo, nem o trabalho; recolha-se ao interior do seu conhecimento proprio, e o Senhor a sustentará da abundancia de sua casa, e ficará mais farta, e com mais proveitoso sustento, do que podia achar por sua diligencia; que o Senhor só quer de nós o trabalho, e a diligencia, e sempre paga, e paga bem, ainda que trabalhemos sem fructo, como não seja por culpa da nossa negligencia.

132 Os servos, que pertendem tirar ouro para seu senhor, por muito tempo cavão na terra sem fructo, nem descobrirem a mina, e nem por isso deixão de servir ao Senhor, e elle de se dar por servido, e de os sustentar com a mesma abundancia, e regalo, com que sustenta os que em outra parte já descobrirão a mina, e tirão ouro; porque supposto aquelles ainda o não tirem, tirão a terra, que impede chegar-se a mina; e talvez que aqui ponha o Senhor os servos mais fortes, e lhes dê maior alimento, porque he maior o trabalho. Cave pois a alma na terra do seu nada, trabalhe que trabalha, para o Senhor, e se não tirar affectos fervorosos, tirará os do proprio conhecimento, e humildade. Cave, e tire fora a terra

ra do amor proprio, e das payxões terrenas, que empedem chegar á mina do fino ouro do amor de Deos; e bom serviço he este para o mesmo Senhor, que nelle a poz, e a quer, e não deixará por isso de a sustentar com as mesmas, ou talvez mais abundantes graças, do que concede a outras almas, que gozão do descanso da suave contemplação. S. Thereza nos dá celestial doutrina a este respeito. (*Vida c. II.*)

133 Por isso ainda que se veja sem çucor, e fervor, não deixe por isso a oração; (senão for por dar algum desfogo á natureza, e tomar alento para tornar de novo a ella) nem lhe pareça que não faz ali nada; porque quando não tire outro lucro, sempre tira o da obediencia, (se ella o determina) e o de estar na presença de Deos, e não he pequena mercê, que o Senhor ahi a admitta; que os privados do Rey tem por honra o fazer-lhe sála, ainda que por então lhes não falle, nem mostre algum final de agrado; que como os admitta a palacio, já se dá por servido, e elles o servem em estar ali, ainda que não fação outra cousa. Deixe-se a creatura ali estar a esperar o que Senhor quer della, e esteja por seu amor, e pela obediencia guardando aquelle lugar, e se lhe parecer que está como cepo, ou pedra, não se desanime, que tambem as pedras, e cepos, tem prestimo na casa de Deos; esteja ali humilhada, e abatida, que quando não faça outra cousa, muito faz em fazer o que Deos quer, que he que por então esteja assim. Ouça o que diz S. João Climaco: „ Com tanto que perseveres na oração, não te „ atrevas a dizer que nada tens aproveitado, pois já „ tens aproveitado bastante. Que cousa mais sublime pô- „ de haver, do que estar ali junto do Senhor, e perse- „ verar no lugar da oração com elle? (*Scal. Par. gr. 28.*)

134 Trabalhe pois a alma, como digo, meditando em hum objecto, ou muitos, quando hum só não bastar, ou as diversas circunstancias, que nelle descobrir; como por exemplo: se no passo do Horto não bastar para a mover a agonia, com que o Senhor está orando, passe a considerá-lo suando sangue; daqui áquella mortal tristeza, que

que padece ; desta á visita dos Discipulos , ao osculo de Judas , á prizão , quedas , e máos tratamentos. Ou passe da oração do Horto aos açoutes , destes á coroação de espinhos , ao *Ecce Homo* , e assim aos mais , meditando em hum depois de outro , tirando de todos affectos proporcionados ; e eis aqui exercita boa meditação , como ensina S. Theresa. ( *Mor. 6. c. 7.* ) Porém deve esta meditação imaginária exercitar-se com suavidade , e moderação , e não com demasiada fadiga ; porque cansará a imaginação , e fará mal á saúde ; assim como o vinho que moderado faz bem , e demasiado he nocivo. Mas não deve tambem a creatura deixar-se vencer da tibieza , sem se fazer violencia , que muitas vezes a causa de se achar distrahida he por não se querer violentar , como adverte S. Theresa :

„ Há pessoas mal soffridas , e amigas de não se dar pe-  
 „ na , que como não tem costume de recolher-se , ( isto  
 „ he , recolher o pensamento ao principio ) e por não  
 „ cansar-se , dizem que não podem mais , nem sabem. ( *Cam.  
 • de perf. c. 24.* )

135 Mas se trabalhando , e feitas as diligencias moderadas , não poder a creatura meditar , nem recolher-se , nem por isso se desanime ; que muitas vezes permite Deos as seccuras , e escuridades , porque quer provar a constancia , e affecto da creatura , e experimentar se na oração busca o proprio proveito , e conveniencia levada do gosto , e consolação sensivel , que nella experimentava , ou só com o sincero desejo de fazer a vontade do Senhor : porque se só este a levar á oração despida do proprio querer , estará satisfeita com o que Deos quer ; e ainda que não faça nada , faz muito em fazer o nada , que Deos quer , que só então quer que ella não faça nada ; e se ella então quizer trabalhar , perderá tudo , e desgostará ao Senhor. Ha creados , que sem fazer nada , servem a seus senhores , porque só os querem para estar ali ; e se algum então se occupasse em outro serviço , ainda que fosse do mesmo senhor , iria contra a sua vontade , e o desgostaria ; porque não era aquillo o que então queria d'elle , se não que estivesse ali esperando o que d'elle  
 dispu-

dispunha. Faça assim a alma, quando Deos a não quer occupada; esteja ali esperando o que o Senhor lhe ordena, mas sempre tendo-lhe inclinação, e affecto, e estando por amor delle.

136 E quando não fouver orar de outra fórte, faiba pedir, que isto he linguagem, que a mesma necessidade ensina: e se pedir bem, e com instancia, conhecendo-se pobre, e necessitada, e que o Senhor he rico, e liberal, não he necessario que faça mais nada, para fazer boa oração; nem se lhe dê de parecer, e ser importuna diante de Deos, que elle não se infada com isso como os homens; antes gosta de nos ver pedir muitas vezes: e algúas differe o despachar as nossas supplicas pelo gosto, que tem de nos ver pedir: e na parabola do que não se querendo levantar da cama para emprestar tres paés ao seu vezinho, se levantou, e lhe deu ainda mais do que pedia, porque elle instou, repetio a supplica, e se fez importuno, (*Luc. II.*) nos ensinou o Mestre Divino, que a repetição, e instancia das nossas rogativas vencerá todos os obstaculos da sua liberalidade. O mesmo ensinou quando se queixou a seus Discipulos, que por não pedirem, tinham represados os thesouros da sua grandeza, e os mandou que pedissem; porque tudo lhes seria concedido (*Joann 16.*)

137 He admiravel a doutrina do V. Padre Segneri varão bem experimentado não so na meditação discursiva, mas tambem na pratica d'alta contemplação. „ E pelo que „ anim me toca, (diz elle) estou resolvido com a divi- „ na graça a rogar, pedir, supplicar, e exclamar conti- „ nuamente até que me tenha por importuno. E nem „ por isso me espanta o ser pobre, miseravel, e despi- „ do de todos os merecimentos; porque a minha per- „ tensão he pedir como mendigo esmola a quem he mui- „ to rico, liberal, e grande esmoler; e no pobre não se „ attende ao merecimento, senão á necessidade (*Vida. §.52.*)

138 A materia da meditação não deve ser sempre a mesma, nem o tempo; mas deve ser diversa segundo a diversidade do estado, em que a creatura se achar. Os

principiantes na purgação activa devem meditar nos novissimos, na graveza, e horror do peccado, na eternidade, nas miserias, e brevidade da vida, e em outras materias, que movão á dor, e emenda das culpas: na illuminação activa meditarão na vida de Jesus Christo, de Maria SS., e dos Santos; nos beneficios de Deos, e outras materias, que infundão amor ás virtudes: na união activa devem meditar na grandeza da Divindade, na bondade de Deos, e mais attributos, no Mysterio da Trindade, e nas mais verdades reveladas, e tudo o mais que attrahir o coração ao amor de Deos. A vida, e payxão de Jesus Christo he materia para a meditação em todos os estados. Nos estados passivos cõmummente deve a alma meditar na materia da illuminação, ou união activa; e algúas vezes será conveniente que recorde a da purgação activa, para se não esquecer do que he, e do que foi. O tempo, segundo os estados, será regulado a juizo do prudente Director, como em seus respectivos lugares se dirá.

139 Ultimamente advirto, que a meditação não he mais que hum caminho, ou diligencia para se achar a verdade; mas achada ella, não se deve mais procurar, senão gozar-se a creatura com a mesma verdade, que achou: assim como quem busca o que ha de comer, que tanto que o acha, cessa de o buscar, e se senta descansado a gostar do fructo da sua diligencia. E como o gozo da verdade achada, e conhecida he verdadeiramente contemplação, como se verá no capitulo seguinte, segue-se que a meditação não he mais que húa via para a contemplação, ou hum meio de a conseguir, e por conseguinte que a contemplação he o termo, e fim da meditação. Pelo que deve a creatura fazer muito por acabar a meditação cõm hum, ou muitos actos de contemplação, ou alternar os de húa com os de outra, athé adquirir habito de contemplar, que he a que a meditação se encaminha, e a que a alma deve aspirar pelo exercicio da meditação, da qual diz S. João da Cruz, que a contemplação he o seu espirito. (*Subida l. 2. c. 14.*) Isto se entenderá melhor do que se diz no capitulo seguinte, e do que mais adiante se dirá.

140 Este modo de converter a meditação em contemplação activa ensina S. Theresa, (*Vida c. 13.*) dizendo, que he boa oração meditar a Christo em algum passo da Paixão; discorrer hum pouco, e considerar as penas, que ali soffreu, quem, por quem, e com que amor as soffreu: mas que se não canse a alma sempre em andar abufcar isto, se não que esteja ali com elle calado, e quieto o entendimento; e que se poder o occupe em considerar que o Senhor a vê; e o acompanhe, e lhe peça; se humilhe, e regale com elle, e se lembre que não merecia estar ali. O qual modo de orar he contemplação activa, que diz a mesma S. faz muitos proveitos. E para quando a creatura não poder recolher-se em meditação, ou contemplação, ouça o que o Senhor disse á mesma S. Madre (*Vida c. 40.*) que quando não podesse ter recolhimento, se não fatigasse; que nesta vida não podiamos estar sempre em ser; que hũas vezes teria fervor, outras estaria sem elle; hũas com desafossego, outras com paz, e tentações; mas que esperasse nelle, e não temesse.

## CAPITULO V.

### *Da Contemplação.*

141 **J**Á dissemos com S. João da Cruz, que a *Contemplação* he o espirito, e substancia da meditação, o termo e fim, a que esta se ordena: e a razão he, porque a meditação he hum exercicio do discurso, em que labora o entendimento, investigando a verdade com o desejo de a achar, para descansar no gozo della; e este descanso, ou gozo na verdade conhecida, he verdadeiramente que se chama contemplação. Como se a hum lhe mostrassem hũa imagem mui formosa, que primeiro attende, e confidéra por partes as suas perfeições, a proporção, e harmonia de todas entre si, e por isto conhece que verdadeiramente he admiravel esta imagem; athe-qui cõresponde á meditação. Mas depois sem mais discorrer por partes, senão com hũa attenção fixa, fim-

simplez, e em geral admirado, e como fóra de si contempla a excellencia daquella imagem gostoso, e suspenso com a muita perfeição, que nella assim ao todo conhece; este acto simplez, e fixo he que conresponde á contemplação.

142 Este pois he o modo de contemplar as verdades reveladas, que pinta a Fé, aindaque em sombras. Lembra-se a creatura, por exemplo, do Nascimento de Deos Menino; conhece primeiro com o discurso a summa bondade daquelle Deos em se fazer homem, e nascer para nosso remedio; a pobreza, e humildade, em que nasce; o amor, com que nos vem buscar, e attrahir com ternuras, e agrados de Menino; a Gloria, que lhe cantão os Anjos; a assistencia, que lhe fazem todos os Cortesãos celestiaes; e elle como he todo formoso, amavel, e desejavel. Athe-qui não passa de meditar discorrendo nas circunstancias, que lhe podem dar a conhecer este ternissimo Mysterio: mas conhecido mais, ou menos conforme as razões, que despertão o conhecimento, admirada de tanta bondade, abatimento, e amor, deixa os discursos, e se suspende como abforta, conhecendo com hum acto simplez, fixo, e como em geral a excellencia, e ternura deste sagrado Mysterio, e gozando-se ao mesmo tempo de que o Senhor seja tão bom, tão misericordioso, e affavel, amando-o por isso mesmo que pelas caricias, e ternuras de Menino attrahe o nosso amor, e he digno de que todas as creaturas o amem; eisaqui o que se chama, e he contemplação, que necessariamente diz hum simplez acto do entendimento sem discurso, mas junto com o da vontade, e ambas as potencias suspensas, e admiradas, ao modo de quem com os olhos do corpo está fixamente sem pestenejar, olhando para hũa cousa que admira.

143 He pois a contemplação christã (que he a de que só aqui se trata) hum simplez, e fixo intuito de algũa verdade catholica com admiração, e gozo. E ainda que pareça que neste modo de explicar se não inclue a contemplação purgativa; não he assim, porque aindaque nella não haja gozo, e admiração sensivel, Deos o communi-

ca insensível , e espiritualmente á alma , em cujo centro habita , e quer que por então hum, e outro lhe seja occulto , assim como a sua mesma presença ; porque não he aquelle tempo de gozar , mas só de padecer. Divide-se a contemplação christã em *Adquirida* , e *Infusa* : outros dizem em *Activa* , e *Passiva* , o que vem a ser o mesmo ; porque toda a contemplação adquirida he activa , e toda a infusa he passiva. A activa , ou adquirida he aquella , que temos quando queremos , e quando gostamos de applicar-nos a ella , e nos valemos da nossa propria industria para exercita-la ; concorrendo , ou suppondo-se sempre a Fé , e com os auxilios da graça : por isso alguns dizem , que esta contemplação tem parte de adquirida , parte de infusa , porque supõe o habito da Fé , que he infuso ; mas não he neste sentido que se chama infusa a contemplação , como logo diremos. Que se dê a dita contemplação adquirida , he sentença quasi commua dos Mysticos , e della usão mais frequentemente os Santos , e contemplativos , porque a infusa não está na nossa mão , senão na de Deos , quando elle misericordiosamente a quer dar.

144 A contemplação infusa , ou passiva he quando Deos por si só a infunde sobrenaturalmente , sem que nós da nossa parte concorramos , senão recebendo o principio effectivo della , o qual Deos em nós produz , e o applica ao acto de contemplar , e por isso se chama passiva , ou infusa ; pois nem para a producção , nem para a applicação do dito principio effectivo conduz a nossa industria , habilidade , ou natural querer , ou não querer ; senão que só pende da vontade Divina , que graciosamente nos eleva sobre o nosso modo quando , e como quer , e para o grão , e modo , que he servido. Mas he de advertir , que a contemplação não se chama infusa , porque seja infuso o mesmo acto de contemplar ; pois isto he impossivel ; porque o dito acto , e operação he vital , que procede de potencia vital , qual he o nosso entendimento , ainda que a qualidade , ou habito , mediante o qual obra , seja sobrenatural , e infuso : e o mesmo se diz dos actos da

vontade, como he o amor sobrenatural, que procede da caridade, que tambem são vitas: e assim estes actos, e operações as ha de produzir o homem, como causa principal, aindaque mediante a virtude, ou habito sobrenatural, que se lhe infundio. Chama-se pois infusa, não porque Deos infunda o acto; que então seria acto de Deos, e não nosso; mas porque Deos independente do nosso querer, ou não querer, senão só porque elle quer, infunde a virtude, ou qualidade sobrenatural, e a applica paraque o homem com ella produza a contemplação. Desta contemplação infusa, e dos seus diversos grãos, e tambem dos da adquirida trataremos mais largamente nos seus respectivos lugares; por hora baste o dito para se saber que cousa he húa, e outra, e como se produzem os seus actos.

## CAPITULO VI.

*Da Acção de Graças, Offerecimento, e Petição.*

145 **P**õem-se em ultimo lugar estas tres partes da oração, porque ordinariamente se conclue por ellas; mas não porque não possão os seus actos exercitar-se no meio, ou no principio della; antes na meditação fervorosa regularmente todos se praticão, e he bem que assim seja; porque movida a creatura ou pelo que deve a Deos, ou pelo conhecimento da sua grandeza, e da propria miseria, e necessidade, he natural que rompa em actos de louvor; que em agradecimento aos seus beneficios se offereça rendida á sua divina vontade; e que lhe peça as graças, e auxilios, que vê lhe são necessarios para o servir, e amar, e não o tornar a offender. Tambem os mesmos se pódem logo exercitar ao principio, e de facto na preparação se pede a Deos graça, e ao Espirito Santo luz para fazer a oração com fructo, e agrado do mesmo Senhor: e se então logo a creatura se vir penetrada do conhecimento da summa bondade, e dos beneficios, que deve ao Creador, não he bem que  
 passe

passé mais adiante sem intentar hum agradecimento fiel; rendendo-lhe as graças devidas, e offerecendo-se a húa conrespondencia possível.

146 A *Acção de Graças* consiste em actos de agradecimento a Deos pelos beneficios recebidos, não só os que na oração tem meditado, e o Senhor ahi lhe tem concedido, se não por todos os que em todo o tempo, e a toda a creatura tem feito; e ainda pelos males, com que nos tem castigado; porque sempre por sua misericordia os ordena para nosso maior bem; pois castigando fára, e mortificando vivifica. E aindaque delle não tivéssemos recebido, nem poderíamos receber bens, ou males, sempre lhe erão devidas as graças, e louvores pelo seu mesmo ser infinito, pela sua grandesa, e Magestade, e porque só por ser elle quem he, he infinitamente amavel, e digno de todo o louvor, gloria, e honra. Por isso nao deve a creatura contentar-se com as graças, e louvores, que pódem sahir da sua balbuciente lingua, e do seu pequeno, e tibio coração; mas deve discorrer por essas moradas celestes, supplicar aos seus Cortesãos, á Mãe das misericordias, e a todos os Espiritos ditosos, que em seu lugar louvem aquelle ser increado, aquella bondade infinita; descer á terra, convidar todas as creaturas do universo para os louvores do seu Creador.

147 O *Offerecimento* pouco differe da acção de graças, porque he hum acto de agradecimento, e conrespondencia, com que a creatura intenta em parte retribuir a Deos algum obsequio pelos beneficios recebidos da sua divina mão; e como he pobre, e não tem nada que dar, offerece a Deos o mesmo, que elle lhe deu, e que he seu, e só seu; e he tal a bondade do amantissimo Deos, que aceita de nós com satisfação, e agrado o mesmo que nos deu; que para isso no-lo deu, paraque tornando nós a offerecer-lho ficasse elle satisfeito, e nós desempenhados; mas por isso quanto mais desempenhados mais devedores, porque lhe ficamos devendo o mesmo, com que pagamos: tanto quer o Senhor de nós a nossa conrespondencia, que antes nos quer dar o cabedal,

dal; com que lhe paguemos a divida, do que que deixemos de nos mostrar agradecidos.

148 Deve pois a creatura offerecer a Deos a sua mesma bondade, a sua magestade, e grandeza, o seu ser immutavel, as suas perfeições, e attributos, o sangue, e merecimentos de Christo, de Maria SS. e de todos os justos, e Santos. Deve offerecer-se a si mesma assim vil, e inutil como he; que assim a quer o Senhor, porque não deixa de ser imagem sua, e que elle muito estima, aindaque tão desfigurada pela culpa, tão dissimilhante daquelle divino original. Offereça-lhe o seu coração com todos os seus affectos, o corpo com todos os seus sentidos, a alma com todas as suas potencias, principalmente a vontade rendida, e fogueita á do Senhor, com vivos protestos de o amar, de emendar a vida, de cumprir sua santa Ley, e preceitos, e em particular de se vencer na payxão, que mais o domina, que he aquella, em que se vê mais tentada, e em que mais defeitos commette; e de adquirir a virtude, de que mais necessita, que he a contraria a essa payxão dominante. Estes protestos, e resolução efficaz são o fructo da oração, que a creatura deve tirar neste lugar; e ainda que já o tenha protestado nos affectos, que na meditação produzia, sempre aqui deve renovar os protestos, como em lugar proprio do agradecimento.

149 A *Petição* pode-se dizer que he a principal parte da oração, ou que he toda ella; porque por ella principia, nella continúa, e com ella se finaliza: e tambem porque he certo, que quem bem pede, bem ora, pois pedir, e orar he tudo o mesmo. Para serem ouvidas, e attendidas as nossas petições diante de Deos, hão de ter cinco condições, que apontão os Mysticos, e constão da Sagrada Escriptura. A primeira he que se peça com fé, e firme confiança de que o Senhor, como he tão bom, tão liberal, e nosso amigo nos concederá de boa vontade o que pedirmos, sendo conveniente, que por isso nos manda muitas vezes pedir, e se queixa de nós por não pedirmos. A segunda he, que se peça com perseverança;  
por-

porque muitas vezes differe Deos o despacho pelo gosto de nos ver pedir , ou por experimentar a nossa constancia , e se confiamos nelle deveras , ou por outros fins , que elle sabe. A terceira he q̄ o que se pede seja conveniente á nossa salvação ; porque este he o fim paraque Deos nos creou , e paraque devemos terminar todas as nossas diligencias , e desejos , e tudo o que não conduz a este fim , he contrario a Deos , e ao nosso bem , por isso o não concede o Senhor ; e se algũa vez o permite , he em castigo do nosso amor proprio , e falta de resignação na sua Divina vontade.

150 Que esta he a quarta condição , que peçamos com conformidade , e fogueição na vontade do Senhor ; pois o contrario seria injuria , que a creatura lhe fazia , pedir-lhe o que lhe fosse contrario , e desagradavel á sua vista. A quinta he que se peça ao Eterno Padre , ou a Christo em nome do mesmo Christo ; isto he pelos seus infinitos merecimentos ; pois elle he o principio , e origem de todo o nosso bem , e o nosso medianeiro , e advogado junto do Pay. Tambem deve a petição ser humilde , devota , e com confiança nos merecimentos de Christo , de Maria SS. e dos Santos ; e na bondade , misericordia , e liberalidade do mesmo Deos. Com estas condições se deve pedir a Deos graça , auxilios , e misericordia , perdão dos peccados para nós , e para todas as creaturas : remedio para todas as necessidades espirituaes , e temporaes , proprias , e alheias , e das almas do Purgatorio : e particularmente se deve pedir graça ao Senhor para adquirir o fructo, que se protestou tirar da Oração , para se vencer na payxão dominante , e adquirir a virtude contraria : deve-se rogar a Deos pelo augmento da Fé , conversão dos peccadores ; pela paz da Igreja , e dos reynos ; pelos Reys , Pontifice , e estado Ecclesiastico , e Secular , e seus ministros. Veja-se o que a respeito da petição dissemos acima ( *n. 136. e seg.* )

# TRATADO TERCEIRO

DO ESTADO DE PRINCIPIANTES, OU VIA PURGATIVA, e seus exercicios.

## CAPITULO I.

*Em que consista o estado de Principiantes.*

151

**O** Estado de Principiantes chama-se tambem *Via Purgativa*, não porque nelle se fação todas as purgações da alma, mas porque esta nelle se purifica activamente desarreigando os vicios, e máos costumes; refreando suas payxões, e appetites; reformando os sinistros affectos; guardando os sentidos, e o coração de defeitos; e evitando todo o genero de culpas, e peccados. A mesma razão está ditando que por esta diligencia de limpar a alma de culpas, e máos habitos principie a vida do espirito: pois assim como para se plantarem as flores se dispõe primeiro a terra cavando-a, arrancando-lhe as hervas agrestes, e raizes nocivas, que possão suffocar, ou não deixar nascer as flores, assim para se plantarem, ou semearem na alma as flores das virtudes, deve ella primeiro ser lavrada com o arado da mortificação, e penitencia; cortadas as hervas dos vicios, e arrancadas as raizes dos máos habitos, que nella profundarão as culpas.

152 Não he porem só o cuidado de purgar a alma dos máos habitos, o que deve occupar a diligencia dos principiantes; pois assim como o jardineiro depois de dispôr a terra, em húa parte semea, em outra planta as flores, em outra as rega, e sempre em toda a parte, e a todo o tempo não cessa na diligencia de as purgar, e limpar das hervas nocivas, que, ou vão nascendo de novo, ou brotando de algúas raizes, que ainda escaparão da primeira cultura da terra; assim a creatura depois de dispor a terra da sua alma com a diligencia de húa dolorosa confissão, deve logo ir semeando, e plantando as

virtudes, regando-as com lagrimas de dor verdadeira, e nunca cessando de as ir purgando das culpas, que, ou vai cometendo de novo, ou vão resurgindo de algum habito, que ainda se não tirou de raiz: ou para melhor dizer, o mesmo he lançar fóra da alma os máos habitos, e vicios, que ir adquirindo as virtudes a elles oppostas; pois assim como para dissipar as trevas he necessaria a luz; o frio só com o calor se desterra, assim o peccado só com a graça, os vicios só com as virtudes se apartão; pois hum contrario só com outro contrario se vence; e como os máos habitos se adquirirão por actos viciosos, só se podem deitar fóra por habitos bons, e virtuosos, que se adquirirão por actos de virtudes oppostas aos vicios, que gerarão os habitos máos.

153 E como hum dos vicios, e o mais pernicioso erro, em que a alma vivia, era em seguir os dictames da sua propria vontade, oppondo-se, e encontrando a de Deos, quando corria sem reparo atraz dos desejos de seu coração; solicitando a satisfação dos seus gostos, sem consultar o divino beneplacito; attribuindo á sua propria diligencia as prosperidades da fortuna, e perturbando-se com impaciencia nas fatalidades adversas, sem attribuir hũas, e outras ás sabias disposições da providencia, e decretos do Creador; tambem he certo, que para extirpar este vicio deve logo ao principio oppor-se-lhe com a virtude contraria, qual he a união da sua vontade com a de Deos, a conformidade, e deixação do seu querer nas disposições Divinas, attribuindo a estas todos os successos prosperos, ou adversos.

154 Donde se vê claramente que ao estado de principiantes, ou via purgativa pertence não só a purgação activa, mas tambem a illuminação activa, que consiste em hũa cuidadosa diligencia por adquirir as virtudes, e conhecer mais a Deos, e as suas perfeições para o amar, e os beneficios, que lhe devemos, para lhos agradecer; e pertence tambem a união activa, que consiste, como dissemos, na união da nossa vontade com a de Deos, na conformidade com as suas disposições, e na paz inalteravel

ravel do coração , não o entregando excessivamente aos contentamentos nas prosperidades , nem se perturbando nas adversidades , que lhe advenhão , attribuindo tudo á sua Divina providencia , e dando-lhe louvores por tudo. Donde fica claro o que acima dissemos ( n. 89. ) que a iluminação , e união activas , ao menos em grãos remissos , pertencem ao estado de principiantes ; pois he certo que todas as tres vias nelle se praticão ao mesmo tempo , quanto ao activo , ou se seguem hũa depois de outra immediatamente por sua ordem.

## CAPITULO II.

*Do composto Humano , e do seu modo de obrar , e da moralidade dos seus actos.*

155 **C**omo em nós há hũas obras , que procedem naturalmente do corpo , sem conhecimento d'alma , outras , que esta obra independente do corpo , outras , paraque hum e outro concorrem juntamente ; julguei conveniente dar aqui hũa breve noticia da constituição , harmonia , disposição , e ordem das partes do humano composto , e das obras que delle procedem natural , ou livremente , quanto baste para o presente assumpto ; para que melhor se possa conhecer aonde há , ou não peccado , ou malicia , e que movimentos se devem mortificar , ou cohibir.

156 He pois o homem hum artefacto de Deos formado por suas divinas mãos , e mesmo á sua imagem , e similhaça. As partes físicas deste admiravel composto são *Corpo* , e *Alma* unidos intimamente por decreto do mesmo Deos , e só pelo mesmo separaveis na morte. O corpo foi formado pelo Creador do Universo de hũa materia tão vil como o lodo , para que se não desvanecesse o homem , antes se humilhasse á vista do seu humilde , e corruptivel principio. A alma he creada pelo Soberano Author , e infundida no corpo tanto que elle está organizado no ventre materno , e apto com a disposição das

partes para ser por ella informado. He hũa substancia espirital destinada por Deos para hum fim sobrenatural, e eterno, e por isso tambem eterna na duração, immortal, e incorruptivel por decreto do mesmo Creador. O fim para que Deos a cria, e destina, he para ser feliz, e bemaventurada, e gozar da vista do mesmo Deos por perpetuas eternidades, por meio das obras do seu serviço, e amor, em que ella se deve occupar todo o tempo, que viver unida ao corpo, pena de se trocar a eterna felicidade em eterna desgraça.

157 Esta alma he hũa perfeita imagem, e similhaça de Deos, não só em ser espirital, e incorruptivel, mas tambem em ser hũa só essencia, e substancia com tres distintas potencias, assim como Deos he hũa essencia, e natureza em tres pessoas distintas. As tres potencias da alma são *Memoria*, *Entendimento*, e *Vontade*. O ministerio da memoria he conservar, e recordar de novo as imagens dos objectos passados, que lhe tem sido recomendadas, e por isso reside no cerebro. O entendimento tambem reside no mesmo cerebro, e he seu officio entender, julgar, discorrer a respeito dos objectos, que a memoria lhe propõe, discernir nelles o bem, e o mal, o conveniente, e desconveniente tanto na ordem da natureza, como da graça, e assim os presentar á vontade, para que ella á vista das ponderadas circumstancias escolha o que lhe he conveniente, e aborreça, e repudie o que assim não he. A vontade reside no coração, donde sahem os bons, e máos desejos, e he seu officio como dissemos, escolher, amar, e desejar o bem, e repudiar, aborrecer, e fugir o mal, que lhe foi proposto pelo entendimento; e ainda que ás vezes escolha, e ame o que he máo, não o quer assim como máo, mas só por alguma bondade, que nelle acha, ou seja verdadeira, ou aparente, como adiante diremos. A alma como he espirital, e indivisivel, informa todo o corpo, extensa nelle indivisivelmente toda em todo elle, e toda em qualquer parte, ao modo que hum Anjo enche hum espaço extenso.

158 Para que estas duas partes alma, e corpo, ainda que

que entre si tão diversas, fizessem hum só composto humano, as unio Deos entre si com hum vinculo, que só a morte póde dissolver, o qual consiste em hum decreto de que a alma, aindaque tem suas particulares operações, não podesse obrar senão dependente do corpo, e este della. E assim aindaque o corpo tem suas particulares faculdades, como são os sentidos de *Ver*, *Ouvir*, *Cheirar*, *Gostar*, e *Palpar*, e as potencias de fallar, rir, mover-se, nutrir, respirar, circulação do fangue, e outras, que na razão do corpo podia exercitar independente de ter a alma racional, como vemos nos brutos, e ainda tendo-a, algúas dellas exercita sem conhecimento, nem concurso particular della; e aindaque tambem a alma separada do corpo possa exercitar os actos da memoria, entendimento, e vontade; e ainda unida a elle tenha seus actos immanentes, e espirituas das mesmas potencias sem particular recurso ao corpo, sempre se verifica a mutua dependencia pela união, sem a qual nem hum, nem outro podem produzir os seus actos.

159. Destas duas partes físicas corpo, e alma unidas resultão outras duas metafísicas, que metafísicamente constituem a *Natureza Humana*, as quaes são *Animal*, ou *Sensitivo*, e o *Racional*, ou *Espiritual*. Destas duas partes unidas, ou desta natureza he que procedem as boas, ou más inclinações, e segundo estas he que a creatura se diz ser de bom, ou máo genio, ou natural, ou natureza que he o mesmo. O animal, ou sensitivo, que aqui significão o mesmo, se attribue ao corpo; e o racional, ou razão, ou espiritual, que tambem são o mesmo, se attribue á alma. Pelo sensitivo não differe o homem dos brutos, e tem as mesmas inclinações, e appetites, que por isso se chamão brutas, e são os primeiros movimentos das payções. Pelo racional se constitue na razão de homem, e differe dos brutos em ter conhecimento, e saber discernir entre o bem, e o mal, e ter liberdade para escolher o que quizer.

160. Este sensitivo, e racional no homem he que se chamão duas partes, ou duas porções d' alma, ou da von-

vontade; a sensitiva chama-se parte, ou vontade inferior; a racional chama-se parte, ou vontade superior. Na inferior, ou sensitiva nunca pôde haver malicia, ou peccado, se a superior não abraça, e consente os seus insultos; pois, como dissemos, nesta he que está a liberdade, e a razão do bem, e do mal; e pelo sensitivo não differe o homem dos brutos, os quaes como não obrão com liberdade, tambem não pôdem obrar com malicia. Esta parte inferior he a que se chama *Appetite*, ou *Concupiscencia da carne*, ou *Fomes peccati*, ou della resulta, a qual sempre inclina para o que he deleitavel, ou conveniente á natureza, seja, ou não seja segundo a graça, ou razão, porque não he da sua parte o discerni-lo.

161. Se não fora o peccado dos nossos primeiros Pays, seria esta natureza, ou sensitivo tão conforme, e ordenado com o espirito, ou razão, que nem a insultaria com violencia para o mal, nem a ella lhe custaria trabalho o traze-lo em ordem, e rectidão; porque perseveraria o homem na innocencia, e justiça original, e nas virtudes, e dons sobrenaturaes, e habitos naturaes inteiros, e perfeitos, com que Deos o creou: em castigo porem do peccado ficou o sensitivo, ou appetite tão rebelde, tão renitente para o bem, e tão inclinado para o mal desde a mesma adolescencia, que se fez por isso a vida do homem húa continua milicia sobre a terra, em que a victoria custa grande trabalho ao espirito, e he necessario que este esteja sempre posto em armas contra a carne, que deseja contra o espirito, não só pela rebelião, que ella lhe tem pelo peccado, mas tambem porque por elle ficou o mesmo espirito fraco, debilitado, e desordenado nas potencias; pois o entendimento, em que está a prudencia para o conhecimento, ficou cheio de ignorancia; a vontade, em que está a justiça para obrar bem, ficou cheia de malicia; a irascivel, em que está a fortaleza para conseguir o bem difficuloso, ficou fraca; a concupiscivel, em que está a temperança para moderar o deleitavel segundo a razão, ficou cheia de concupiscencia desordenada. E aindaque Christo curou estas feridas, foi em

em quanto a dar-nos maiores forças para o vencimento das payxões, mas não em quanto á sua guerra; por isso quer diligencia da nossa parte para as vencermos.

162 Porém aindaque este appetite he rebelde, e repugna obedecer á razão, sempre com tudo lhe he fugeito, e ella o domina, e póde subjugar, aindaque com custo, e força; e nunca elle póde prevalecer contra ella, se ella livremente se lhe não quizer fugeitar, e ceder nelle o seu dominio; e esta fugeição do appetite, e superioridade da razão, ou espirito sobre elle he que se chama *Livre Arbitrio*, ou *Liberdade* de eleger o bem, ou o mal, qual delles quizer. Isto que se chama *Appetite*, ou *Concupiscencia da carne*, ou *Genio*, ou *Natureza*, ou *Natural*, que tudo aqui he o mesmo, he em húas creaturas mais activo, e mais inclinado para o mal, e para a fatisfação do que appetitece, do que em outras, ou por maior força, e tentação do demonio, que tem jurisdicção de exaltar o appetite inferior do homem, ou porque a creatura com a repetição dos actos de fatisfação do appetite tem augmentado o habito vicioso; mas o mais ordinario he proceder a diversidade de genios, e inclinações da diversidade de humores, que superabundão no corpo humano.

163 Para o que he de saber, que o corpo humano consta de quatro principaes humores, que lhe fervem como de base, e fundamento da vida, os quaes são *Sangue*, *Colera*, *Fleuma*, e *Melancolia*. Quanto mais estes humores são entre si uniformes, e proporcionados em quantidade, e qualidades, tanto a creatura he mais bem ordenada na disposição do corpo, e nas inclinações do genio, e esta harmonia dos humores he que se chama *Temperamento*, que sendo sem excesso em algum delles, se chama temperamento *ad pondus*: mas este raras vezes se achará em algum corpo; porque o ordinario he prevalecer na creatura notavelmente algum, ou alguns dos ditos humores, e daqui procede ter o genio mais propenso para as inclinações, que procedem dos que superabundão em quantidade, ou qualidades; segundo as quaes se

se diz a creatura ser do genio, ou do temperamento colerico, ou fleumatico, ou sanguineo &c.

164 Assim os que são demasiadamente sanguineos, são mais venereos, e luxuriosos; os colericos são iracundos, odiosos, e vingativos; os fleumaticos são propensos para os regalos, jogos, e ociosidades; os melancolicos para as tristezas, desesperações, desconfianças da salvação, e escrúpulos sem fundamento. Mas como já disse, estes movimentos não são, nem podem ser peccado em quanto a vontade superior, ou racional os não abraçar livremente: antes quanto maior for o incentivo delles para o mal, tanto maior será a coroa, e o merecimento da victoria: o que servirá de consolação aos escrúpolosos, que cuidão que já peccão quando sentem os estímulos das paixões; e devem advertir que as tentações não são peccado, em quanto se lhes não dá consentimento deliberado; e que hũa cousa he sentir, outra consentir, e que nunca peccão quando sentem, senão quando consentem a tentação.

165 Procedem pois deste modo as nossas operações; para serem peccaminosas, ou meritorias. A vontade racional reside no governo do homem como absoluta senhora das suas acções livres, e moraes; pois só ella he potencia livre para obrar, ou não obrar; ou para obrar antes isto, do que aquillo; e por isso só nella, ou nos seus actos pôde haver bondade, ou malicia; e os das outras potencias, (que todas obrão naturalmente) tanto espirituaes como corporeas, ou sensitivas nunca podem ser bons, ou máos, senão quando procedem do imperio da vontade, a qual pôde mandar, por exemplo, ao entendimento que considere no objecto torpe para se deleitar, ou aparte delle a idéa para mortificação; aos olhos que se detenhão na vista do objecto concupiscivel, ou se abstenhão della; (e assim nas mais potencias, e sentidos) e neste caso o primeiro he que se chama peccado de pensamento, ou vista lasciva, cujo peccado sempre se consuma na vontade; e o segundo he que se chama acto virtuoso de mortificação, que tambem se attribue a vontade.

166 He porém a vontade húa potencia cega, ainda que senhora, que não vê as circumstancias, bondade, ou malicia dos objectos, para se deliberar, sem que lhe sejam propostas pelo entendimento, que he como guia, ou director, que lhe mostra o bem, e o mal, que nelles conhece, tanto na ordem moral, como no que tem de delectavel, ou ingrato á natureza; e á vista destas propostas circumstancias he, que a vontade elege a parte, que julga mais conveniente, e boa á natureza, ou ao espirito. Donde se vê, que ainda quando a vontade abraça, e consente no mal, nunca o quer como mal, senão como bem em algúa razão, e de algúa sorte conveniente; assim quando, por exemplo, consente na torpeza, prescinde de que seja ou não peccado, e só a abraça como delectavel á natureza; mas sempre certa de que incorre no mal da culpa, a qual ella só de secundario consente, em quanto sem ella não póde conseguir o delecte, e por isso sempre lhe he voluntario o peccado.

167 O qual peccado nesta, e nas mais materias prohibidas tanto he mais grave, quanto a tentação he menor; e pelo contrario quanto a tentação he mais vehemente, tanto diminue na culpa, ou no seu voluntario; porque a força da concupiscencia cega em parte a razão, e não lhe deixa mostrar á vontade toda a malicia do acto. Por isso muitas vezes alguns actos, cuja materia he prohibida, podem não ser culpa, e a não são quando faltã a advertencia, e conhecimento da malicia; mas estes tambem não são actos da vontade na razão da malicia, porque não são livres pela falta do conhecimento della; assim póde succeder que hum homem mate a outro com hum movimento repentino, e violento da ira, e não peque; porque a violencia da payxão o não deixou advertir no mal da culpa. Por isso são de mais facil perdão os peccados de fragilidade, que são os que procedem por força do appetite, do que os de malicia, que são os que mais se fazem por fazer o mal, do que por força da tentação.

168 Mas sim como a vontade não póde abraçar, ou

repudiar cousa algũa, sem que lhe seja proposta pelo entendimento, assim este nada lhe póde propor, sem que primeiro passe por algum dos sentidos externos, ou internos. Para o que he de saber que além dos cinco sentidos externos, que acima dissemos, há em nós outros internos materiaes, com que os externos se communicão, os quaes ainda que alguns Authores assignarão mais, todos se pódem reduzir a hum só, e chamar-se *Fantasia*, ou *Imaginativa*, ou *Sentido Commum*, o qual reside no cerebro, e se chama assim, porque a elle levão, e nelle formão todos os sentidos externos as imagens, ou representações dos seus respectivos objectos, e o fazem como officina, ou sentido commum de todo o sensível. Aqui he aonde se consuma a concupiscencia, ou appetite, e daqui nascem os insultos das payxões; porque as imagens, que ahi se imprimem, fazem exaltar os espiritos animaes, que ahi concorrem, e estes fazem commover os humores correspondentes á payxão, que se excita, donde se segue o desejo sensitivo desta para a sua satisfação.

169 Esta imaginativa, ou fantasia, ou os seus actos succede serem em algũas creaturas tão activos, e produzir ideas, e imaginações tanto ao vivo, principalmente em pessoas melancolicas, que lhes parece realidade o que não passa de imaginação, e nestas se verifica o Aphorismo: *A imaginação faz a causa*. Assim tem succedido q̄ algũas pessoas concebêrão na imaginação que estavam doentes, q̄ tinham dores, e ainda que estavam proximas á morte, e só por isto, sem assim ser na realidade, adoecerem deveras, terem dores, e irem agonizando athé espirarem. Outras certificarem que vião, ouvião, ou sentião o q̄ na realidade não era mais que imaginado; não de outro modo senão como quem sonha; pois não são os sonhos outra cousa mais que obra da fantasia, ou imaginação: e assim como os sonhos, tem ás vezes produzido efeitos estranhos como levantar-se a creatura da cama, vestir-se, hir a hũa, e outra parte, e sempre dormindo; e outras vezes tem causado doenças, dores, e talvez mortes, não he muito que a mesma apprehensão nos imaginativos produza os mesmos, e outros ef-

fei-

feitos; pelo que se póde dizer, que os taes sonhão ainda estando acordados, porque imaginão como dormindo.

170 E he a causa porque assim como nos que dormem por isso obra assim a imaginação, porque estando com o somno ligados os sentidos externos, e as potencias espirituaes, e só livre a fantasia, para por ella discorrerem os espiritos animaes, tem ella todo o dominio, e liberdade para as suas ideas materiaes sem o embaraço dos sentidos, ou potencias; assim nos imaginativos, como a imaginação he mui viva, e por isso mais efficaç do que os sentidos externos, e ainda do que o seu mesmo entendimento, e memoria, tem mais dominio nos seus actos, do que as ditas potencias, e sentidos, que á sua vista estão como entorpecidos, ou adormecidos, e por isso são mais perceptíveis as suas idéas do que os actos dos sentidos, e potencias. O que devem advertir muito os Directores, para saberem como se haõ de haver com as taes pessoas, que são martyrio dos confesores, e sem os quererem enganar lhes dizem (e ás vezes o affirmão com tal certeza, que se attrevião a jurá-lo) que vêm, ouvem, ou sentem o que na realidade não passa de imaginação: achaque, que tem pouco remedio; e se algum se lhe acha, he fazer-lhes apprehender outra idéa mais viva contrária á que tem na imaginação.

171 Eisaqui pois a ordem, e harmonia com que obrão as nossas potencias. Os objectos imprimem suas imagens, ou representações nos sentidos externos: destes por ductos nervosos, mediante os espiritos animaes, passão as ditas imagens a formar-se no sentido interno material, que dissemos se chama fantasia, ou imaginativa, ou sentido commum, e reside no cerebro, donde tem principio os nervos, que dali se encaminhão a todas as partes do corpo. Esta impressão de imagens he a que commove os espiritos animaes, e exalta o appetite para as payxões conformes ás mesmas imagens; e quanto para o seu complemento não necessita que o entendimento perceba, porque são na ordem do sensitivo. Para que o entendimento perceba estas imagens, q̄ como são materiaes, não as

póde receber em si, tendo-as presentes na imaginação, que está junto delle, fôrma em si, e cópia ( como deſto pintor ) imagens eſpirituaes em tudo ſimilhantes a ellas. Por eſtas, que em ſi fôrma o entendimento, e ſe chamão *Idéas*, ou *Primeiras Apprehenſões*, conhece o entendimento os objectos, e á ſua viſta julga, e diſcorre á cerca delles, e das circumſtancias, que tem de bem, e de mal na ordem da graça, e as de conveniencia, e deſconveniencia na ordem da natureza, e todas eſtas com as meſmas imagens propõe, e declara á vontade, que athé-li não ſabe o que paſſa na caſa do interior, que ella domina, e á viſta deſtas circumſtancias ella abraça o bem da graça, ou a conveniencia da natureza, ou foge, e aborrece o mal propoſto como contrario á graça, ou como deſconveniente á natureza, e então he que dá a moralidade ao acto, ſegundo a qual elle he virtuoſo, ou vicioſo.

172 Advirto porém que para que a imaginativa proponha ao entendimento as imagens dos objectos, não he neceſſario que ſempre lhas miniſtrem de novo os ſentidos externos, mas baſta que já eſtes em outras occaſiões as tenham nella imprimido, as quaes ella conſerva em ſi, como ſello em cera, cuja conſervação ſe chama *Memoria Material*, porque as recorda de novo quando nellas incorrem os eſpiritos animaes do meſmo modo que quando ſe imprimirão, e baſta que ella de novo as proponha ao entendimento, para que eſte com a memoria eſpiritual ſe lembre de novo dellas, e forme novos actos ſobre os objectos, que ellas representão pelo modo dito.

### CAPITULO III.

*Das payxões do Appetite ſenſitivo, que ſe hão de purgar.*

173 **A** Quelle *Appetite ſenſitivo*, ou *concupiſcencia* de que fallamos no capitulo precedente, tem em ſi diverſos movimentos ſegundo a diverſidade dos objectos, que o commovem; e como eſtes ſe reduzem a duas claſſes, hũa dos que attrahem, outra dos que retrahem



hem o mesmo appetite, tambem os movimentos deste para com elles são huns de profecução, outros de aversão, e por conseguinte contrarios huns aos outros. Todos os objectos do appetite lhos propoem a imaginação debaixo das idéas de bem sensível, e conveniente, ou de mal desconveniente á natureza; e como esta conveniencia, e desconveniencia do bem, e do mal ainda se propoem de dous modos, que são, o primeiro, o bem proposto como delectavel, e o mal como ingrato á natureza: o segundo o bem como difficuloso de conseguir, e o mal como arduo de se evitar, por isso, ainda que o appetite sensitivo he hum só, tem duas denominações pelo respeito a estes dous modos, com que se lhe propoem o bem, e o mal: o do primeiro chama-se *Concupiscivel*, e o do segundo *Irafcivel*.

174 Os movimentos destes appetites chamão-se *Payxões*, porque o fugeito as padece, ou recebe em si; isto he; não obra activamente para ellas, nem com ellas, mas ellas he que obrão nelle os movimentos, ou inclinações naturaes, e elle se há passivamente nellas; por isso não se chamão propriamente payxões os actos da vontade, porque nestes obra ella activamente, e a creatura com ella. Estas payxões são onze, seis das quaes pertencem ao concupiscivel, e cinco ao irafcivel. As do concupiscivel são *Amor*, e *Odio*; *Desejo*, e *Fúga*: *Gôzo*, ou *Deleite*, e *Tristeza*: trez das quaes, que são amor, desejo, e gôzo, ou deleite inclinão para appetecer o bem, que he delectavel, e conveniente á natureza; e as outras trez, que são odio contrario ao amor, fuga contraria ao desejo, e tristeza contraria ao gôzo inclinão para aborrecer, e ter aversão ao mal, que he ingrato, e desconveniente á mesma natureza. As do irafcivel são *Esperança*, e *Desesperação*: *Audacia*, e *Temor*: e *Ira*: Das quaes a esperança inclina para a confiança de alcançar o bem difficuloso, e a desesperação sua contraria inclina para a desconfiança de alcançar o bem assim mesmo difficuloso. A audacia dá animo para evitar o mal arduo, e o temor seu contrario desanima para o evitar. A ira incita para vingar o mal da injúria, a qual não tem contrária, porque o seu contrario he só negati-

vo, que he não se irar; e como todas as mais tem contrária, por isso são seis as payxões do concupiscivel, e só cinco as do irascivel. Estas payxões então são voluntarias quando ou são imperadas pela vontade, ou ella as abraça, e não prohibe; e se se conformão com a recta razão, são boas; se senão conformão com ella, são más.

175 O amor sensitivo he húa affeição, com que o appetite se inclina com húa certa união para algum objecto por causa da sua bondade, e differe do amor racional, porque este he acto da vontade, que suppoem juizo, eleição, e estimação da cousa amada, o que não tem o sensitivo. Este he de dous modos, hum de *Amicicia*, outro de *Concupiscencia*, ou *Conveniencia*. O primeiro he com que se ama a outro por amor d'elle só, como o vassallo, que ama ao Rey, porque he seu Rey: o segundo he com que se ama a outro por amor de algúa conveniencia, como o vassallo, que ama ao Rey por amor da mercê, que espera. Os quaes se pódem dar juntos, quando a amizade he util, e delectavel, mas o verdadeiro amor he quando se ama o delectavel, prescindindo do util; pois quando eu amo por conveniencia, mais me amo a mim, do que a quem amo. As causas do amor são cinco: a primeira he a bondade do objecto: a segunda a sua formosura: a terceira o conhecimento do objecto amavel: a quarta a similhaça: a quinta o amor com que o amante se vê amado; por isso se diz; *Ama, se queres ser amado.*

176 Os principaes effeitos do amor são tambem cinco: o primeiro he a mutua união dos amantes, de sorte que hum do outro se não possão separar, pelo que diz S. Paulo: *Vivo eu, já não eu; mas vive em mim Jesus Christo.* O segundo he transformar os amantes de sorte que hum seja o outro; por isso diz S. Agostinho: *Se amas a terra, es terra.* O terceiro he extasis, ou excesso, com que o amante como que fáe fóra de si, para tender para o amado. O quarto he zelo, com que o amante teme, e sente algúa cousa, que lhe possa impedir o gozar do amado. O quinto he causar doença no corpo; porque com a vehemencia do amor sensitivo se defecão os espiritos animaes

nimaes pelo nimio calor, e desordenão o cerebro do proprio, e regular temperamento; por isso se diz que os amantes se fazem amentes. A estes effeitos se reduzem outros, como a contínua presença, ou lembiança do amado; a liquefacção, ou ferida do amor; gozo, desafossego, e fervor. O que se tem dito do amor sensitivo, se verifica á proporção do espiritual.

177 O odio contrario ao amor he húa aversão ao mal, que se concebe como tal; e he de dous modos; hum de *Abominação* opposta ao amor da concupiscencia, e he quando aborrecemos o mal, que conhecemos nos he desconveniente; outro de *Inimizade*, opposto ao amor de amicicia, e he quando aborrecemos o mal, como mal; prescindindo de que nos seja, ou não desconveniente. O desejo he com que se appetite o bem ausente. A fuga opposta ao desejo he com que repugnamos o mal ausente. O gozo, ou deleitação he com que nos gozamos do bem presente, e possuido. A tristeza opposta ao gozo he com que sentimos o mal presente verdadeiro, ou imaginado. A tristeza divide-se em *Misericordia*, que he dor, ou sentimento do mal alheio reputado como proprio; em *Penitencia*, que he dor do mal proprio; em *Inveja*, que he sentimento pelo bem alheio reputado como mal proprio; em *Nemésis*, que he sentimento pelo bem alheio reputando a quem o possúe indigno d'elle; em *Zello*, que he sentimento do bem alheio em quanto falta ao que o zéla; em *Angustia*, que he sentimento, que aggrava o animo sem refrigerio, nem esperança d'elle; e em *Acédia*, ou *Torpór*, que he angustia tão vehemente, que athé priva dos sentidos; principalmente da voz, e entorpéce os membros.

178 A esperança sensitiva he a confiança de alcançar o bem ausente, e possivel, mas difficultoso; funda-se no desejo, e accrescenta sobre elle húa magnanimidade contra as difficuldades, que impedem o bem esperádo. A desesperação opposta á esperança he a desconfiança de escapar do mal ausente concebido como impossivel de evitar. A audacia he o o animo, com que nos oppomos a hum

hum mal terrivel, e imminente, que concebemos possível de vencer, ainda que com grande difficuldade. O temor he o receio do mal imminente, que com difficuldade se póde evitar; mas, se não ha algũa esperança de o vencer, o temor passa a desesperação. São seis as especies do temor; quaes são a *Cobardia*, que he quando algum foge de obrar por temer o trabalho, que julga maior do que as forças; a *Erubescencia*, que he quando se teme algũa fealdade no acto, que se ha de fazer; a *Vergonha*, que he quando a fealdade está no acto já feito; a *Admiração*, que he quando se teme algum mal, e não se sabe como se ha de evitar; o *Estupór*, que he quando se teme algum mal grande, e desacostumado; e a *Agonia*, que he quando se teme algum mal repentino, e improvisto, que se não póde remediar.

179 A ira chama-se assim do verbo *Ir*, porque pela ira sahimos de nós, e quando ella cessa tornamos em nós; e he payxão com que nos appetecemos vingar do mal, que nos fazem. O fervor do sangue á roda do coração, e a exaltação da colera são os que exaltão, e commovem a ira. O odio he peor do que a ira; mas a ira muitas vezes cresce em odio, e faz de hum argueiro hũa trave. O odio deseja mal a outro simplesmente; mas a ira deseja-lhe esse mal como vingança. Ha tres especies de ira, que são *Fel*, *Mania*, e *Furor*: o fel he quando a ira dura pouco tempo; a mania he quando dura muito; e o furor he quando o irado não descansa em quanto se não vinga. Tudo o que fica dito das payxões do appetite sensitivo, se deve applicar ás do appetite racional, que são as mesmas no numero, e no nome, como excitadas pelas sensitivas, espiritualizadas pelas racionais, que as dominão pelo livre arbitrio da vontade; e na pugna de hũas com as outras está a concupiscencia da carne contra o espirito.

## CAPITULO IV.

*Do modo de purgar os appetites , payxões , e sentidos  
externos , e internos.*

180 **D**Eve advertir a creatura , que emprehende o caminho da perfeição , que sae a campo contra hum exercito de inimigos todos crueis , e furiosos , que intentão embaraçar-lhe o passo , e por isso se deve armar da fortaleza da fé , e da confiança de que tem a Deos da sua parte , e que se quizer póde vencer todo o inferno : mas deve saber que sem trabalho não ha premio , sem contenda não ha victoria , e sem força , e violencia não ha Ceo : e assim não deve fraquear , nem cessar da contenda ; porque como os inimigos não cessão , o mesmo será cessar a alma que ser delles vencida : por isso se diz que no caminho da virtude não há parar , porque quem não vai por diante torna a tras. Anime-se pois a alma com a esperança do premio , com o temor do castigo , e com a certeza de que he breve o prazo da vida presente , e o da futura eterno , e que eternamente , ou há de viver descansada pelos trabalhos da vida , ou em trabalhos eternos pelo ocioso descanso , e logo lhe parecerão pigmêos os inimigos , que ao principio se lhe pintavão gigantes ; e suaves os trabalhos , que se lhe representavão custosos.

181 São os inimigos *Mundo , Diabo , e Carne* , que mutuamente se ajudão , e conspirão para a nossa ruina ; mas mais ferozes saem de tropel contra as pobres almas , que se lhes declarão inimigas , e começam a declinar os seus enganos pelos acertados caminhos do espirito ; porque o mundo as insulta com damnadas murmurações , e lhes poem diante os feios monstros do pejo , e do *Que dirão* ; e as ataca com perseguições tão crueis , que a não serem ellas bem animosas , a poucos passos desistem do seu acertado projecto , e se tornão ao partido do mundo , que as vexa. O diabo ajudado do mundo , e da carne , e ajudan-

dando-os a elles, sópra ao vento das tentações, para derubar os Cedros do Libano; incita os mundanos contra os espirituaes, commove os humores do corpo, exalta os appetites da carne, e molesta com suggestões importunas. Mas a carne he que he o mais forte, e o mais prejudicial inimigo, e o que dá mais trabalho para o vencimento, e muitas vezes nos fugeita lastimosamente vencidos: porque como vive com nosco, e nos persegue disfarçado com capa de amigo, fere mais a seu salvo, e só a poder de força, e vigilancia, e muitas vezes de fugida se vence; que este he hum inimigo, que he valentia fugir-lhe, e he ás vezes fraqueza o não o temer. A este não lhe são necessarias armas alheas, porque lhe sobejão as suas para si, e para ministrar aos outros.

182 As principaes são os sentidos externos, he a imaginação, e as payções dos appetites, principalmente a propria vontade, ou amor proprio contra as quaes se deve armar o Soldado de Jesus Christo com as contrarias, que as possão embotar, e vencer. Eu lhe vou a mostrar hūas, e outras, e o seu modo de pelejar. O sentido da vista he o primeiro, e o mais perfeito dos externos, mas tambem he o primeiro, e o mais pernicioso ao espirito, se se não guarda pela modestia; porque, o que o olho não vê, não o deseja o coração, e por estas janellas entra a morte, como succedeu a Eva, a David, e outros muitos. Por isso o espiritual deve apartar os seus olhos para não verem a vaidade; e por isso o S. Job dizia, que tinha feito concerto com os seus olhos para não ter cogitações perigosas. O ouvido se deve refrear para não ouvir palavras ociosas, lascivas, ou de murmuração; para não se demorar na attenção de praticas superfluas, principalmente de pessoas de outro sexo, ainda que não sejam illicitas; e tambem para não se entregar muito a novidades, e noticias estranhas, que enchem a idea de variedade de especies, que arrastão para si o discurso, e o conhecimento, que a creatura devia occupar no de si mesma, e no de Deos, e das verdades eternas, e noticias do Reyno Celeste.

183 O olfato se deve reprimir em não sollicitar cheiros suaves por deleitação, e regalo, que he ociosidade viciosa, e dá larga á delicadeza do corpo para repudiar as asperezas da penitencia. O gosto não mortificado foi a origem da ruina do Universo; todos sentimos ainda agora os seus tristes effeitos, e o experimentarão Adam, Eva, Loth, Esaú, os Filhos de Heli, o Golotão do Evangelho, e o conhecerão a seu pesar os golosos, e regalados do mundo, que tem por seu deos ao seu ventre, e ferá o seu fim desgraçado. Por isso o deve cohibir o servo de Deos, primeiro não buscando comeres delicados, mas ordinarios, e grosseiros; segundo não comendo athé fartar ainda destes: terceiro comendo não por appetite, e regalo, mas por satisfazer á natureza com escasséz, e regra prudente; e algúas vezes dislaboreando o alimento com algúa mistura insípida; ou escolhendo o menos gostoso. O tacto he o sentido, que maior guerra nos faz, não só porque divága por todos, pois todos são húa certa especie de tacto, mas tambem porque está extenso por todo o corpo, e o conturba com qualquer contacto de outro sexo, e provoca a lascivia; por isso se deve mortificar, não só privando-o de todo o incentivo perigoso, mas tambem com alguns instrumentos afflictivos, como cilicios, disciplinas, aspereza de vestidos, e de cama, jejuns, abstinencias, e outras mortificações, e asperezas reguladas pela obediencia prudente.

184 A imaginação tem muita culpa nos insultos do appetite, porque se ella lhe não ministrara as ideas, e representações dos objectos, não os appetecia elle com tanto ardor, e violencia: por isso deve ser acautelado o servo de Deos em não dar entrada na imaginação a ideas, e imagens perigosas, e sacudir della com presteza as que ahí se introduzirem furtivamente, nem lhes dar tempo, nem lugar para que nella se imprimão com viveza, e tenacidade, e o melhor meio de evitar na imaginação estas vans occupaões he occupá-la no emprego de cogitações proveitosas, e ideas santas, como a de Deos, de Christo, da Payxão, dos Santos, e outras similhantes. As onze pay-

xões do appetite todas tem seus contrarios, ou remedios para se vencerem, principalmente as virtudes, de que em seu lugar trataremos: aqui basta dizer-se, que todas as ditas payxões se devem moderar, e trazer á recta razão; mas principalmente se deve fortalecer o espirital contra aquella, que em si vê mais forte, e vehemente, e que mais guerra lhe faz, e mais que todas o incita para o mal, a qual se chama *Payxão dominante*, porque tem maior dominio no sensitivo, do que as mais.

185 Esta payxão dominante he em cada hum conforme ao genio, ou natural, que nelle predomina, ou conforme ao habito vicioso, e máo costume, que com máos actos tem adquirido. Em huns he a ira, em outros a ambição, em outros a lascivia, e outras em outros. Contra ella se deve armar o Soldado do Senhor com tal capricho, e valentia, que não descanse em quanto a não tiver vencido de todo; e de tal sorte se ha de occupar nesta guerra, como se só este inimigo tivesse que vencer; porque vencido este maior, e mais forte, facilmente se vencem os outros, que á sua vista são fracos: não cuide porém, que ha de vencer, e domar as payxões de tal sorte, que totalmente se veja livre dos seus insultos; porque estes são os monstros, que perseguem os Filhos de Israel no caminho da terra da promissão; são os Filistheos que nunca cessão de os inquietar; e sem tentação não se vive; porque na enfermidade se aperfeiçoa a virtude, e na guerra se conhece o valor, e se merece o premio.

186 Outros inimigos bem prejudicaes ao espirito são o *Amor Proprio*, e *Propria vontade*, que ainda que parecem ser hũa mesma cousa, differem com tudo entre si em que o amor proprio he o que nos incita a solicitar, e desejar a estimação de nós mesmos, a contradizer tudo o que a encontra, e a sentir-nos de que nos faltem a ella: tal he o desejo das honras, dos cargos, dos louvores, das distincções, e o sentimento pelos vituperios, pelos despresos, e por não conseguirmos a estimação desejada: porém a vontade propria he hũa certa tenacidade,

de, e apego ao nosso proprio querer, e parecer sem resignação, nem conformidade com a vontade de Deos, e da obediencia; he querer cada hum fazer o que lhe pede o seu genio, e inclinação, seja, ou não vontade de Deos, porque por fazer o seu gosto, e a sua vontade atropela a Deos, aos seus preceitos, aos da obediencia, e a tudo; porque quer que tudo queira o que elle quer, senão não tem paz consigo, nem com os mais.

187 He muito necessario ao Servo de Deos, como dissemos da payxão dominante, trabalhar animoso por arrancar de si esta propria vontade, e amor proprio, que são o fomento da soberba, da vaidade, da depravação, e da rebelião contra os dictames da razão, e da Ley santa. O modo de vencer o amor proprio he converte-lo em proprio conhecimento, lembrar-se do seu vil principio, e fim corruptivel, conhecer-se indigno de estimações, só merecedor de despresos, gostar com elles, e ainda sollicitá-los, e faze-los a si mesmo quando não houver quem lhos faça. O modo de vencer a propria vontade he fogeitá-la com promptidão, ainda que lhe custe, á vontade do Creador, á dos seus superiores, e Director, e tambem á mesma razão; e ainda muitas vezes sollicitar o contrario do que inspira a mesma propria vontade; ceder da sua teima, e tenacidade; fogeitar-se ao parecer, e dictame de pessoas cordatas, e de conselho, e ainda a o dos mesmos inferiores; desconfiando sempre de si, que a mesma propria vontade lhe offuscará a razão, e lhe fará parecer que a tem sem a ter.

## CAPITULO V.

*Do modo de purgar os peccados actuaes, e habituaes, e da guarda do coração.*

188 **S**E os justos cahem sete vezes no dia, quantas cahirão os principiantes ainda pouco robustos na virtude? Por isso depois de se terem purgado dos peccados passados por meio de húa sincera, e dolorosa confissão

fissão de todos elles, com hũa firme resolução de emenda, de os purgar com penitencias, e de fazer vida justificada, deve sempre viver com cautela o novo convertido para não cometter mais os mortaes, e evitar os veniaes quanto lhe for possivel; porque ainda que estes por si não fazem perder a graça de Deos, vão dispondo muito para isso, esfriando a caridade, debilitando a alma, e desmerecendo as graças; para que quando acõmette a tentação esteja a alma fraca, e consinta facilmente; por isso a esposa queria caçadas as raposinhas pequenas, que lhe destruíão as vinhas. Deve tambem cuidar em desfarreigar os máos habitos, que pelos vicios adquirio; para o que he de saber, que habito vicioso he hũa inclinação má, que se tem adquirido pelos muitos actos máos, que se tem repetido em algum vicio, o qual habito tanto he maior, e mais custoso de vencer, e lançar fóra, quanto mais foi o tempo, e os actos, com que se tem profundado na natureza; e assim como foi adquirido por actos, he nẽssario que por actos contrarios se vença, e lance fóra: estes actos hão de ser da virtude contraria ao vicio, que o gerou, os quaes fação adquirir habito da mesma virtude, que vença o seu contrario: Por isso para vencer o habito vicioso, que se adquirio por muitos actos, não bastão poucos da virtude lua contraria, se não que he nẽssario fazer tantos virtuosos, ou mais do que forão os máos, ou ao menos que sejião mais intensos, e mais frequentes.

189 O modo de destruir os habitos viciosos he o mesmo, que fica dito da payxão dominante; não emprehendendo destrui-los todos de repente; porque como nestes principios não está ainda a alma bem fortalecida na virtude, não terá forças, nem poderá pelejar contra tantos: por isso quando Deos quiz que os Israelitas sahisses vencedores daquellas sete nações, que lhes impedião o passo da terra santa significados nos sete vicios capitaes, que impedem o passo da virtude, disse q̄ elle as iria consumindo pouco, a pouco, e por partes, isto he, que lhas ajudaria a vencer por este modo, porque todas juntas não as poderiam

rião vencer : *Ipsæ consumet nationes has in conspectu tuo paulatim, atque per partes. Non poteris eas delere pariter.* (Deuter. 7.) Procure pois o principiante vencer pouco a pouco, e por partes os máos hábitos começando pelo mais forte, e que mais guerra lhe faz; porque como este he o principal, e como capitão dos mais, vencido este, ficão desfalecidos os outros, e facilmente se vencem. Assim succedeu quando David prostrou o gigante, e Judith degolou a Holofernes, que vendo-se os exercitos sem aquelles fortes, em que firmavão as esperanças para o vencimento, logo fugirão assombrados. E para que saiba cada hum se tem, ou não vicios, que vencer, e se os tem já, ou não vencidos depois de ter pelejado com elles, será bom dar aqui hũa breve noticia dos sete mais principaes, que são como raizes, e cabeças de todos os outros, e por isso se chamão capitaes, e por elles se conhecerão os mais.

190 São estes sete a *Soberba, Avareza, Luxuria, Ira, Gula, Inveja, Perguiça*. A soberba he hum desordenado desejo da propria exaltação, e hum julgar-se a creatura mais do que he; por isso he hum querer, e juizo desordenado, e alheio da razão, o qual Deos abomina mais que todos; porque se oppoem directamente contra o ser de Deos, que só he grande, e estimavel sobre tudo, e contra o da creatura, que he limitada, caduca, e desprezível, como formada de barro; e se parece outra cousa, he só na apparencia, e não na realidade; e he delirio estimar-se alguém por parecer o que não he, como se hũa figura de comedia se julgasse rey, porque o representa; e se a creatura tem algum bem estimavel, he de Deos, que lho deu, e não feu; e ainda he maior sem razão desvanecer-se com isso a creatura, quando se devia humilhar, porque quanto tem he alheio, e por isso mais pobre porque mais devedora, e mais ingrata, se não reconhece a divida. A avareza he hum appetite desordenado de adquirir riquezas, e bens temporaes, e de os conservar com apego, e ambição, excedendo o modo da razão, querendo ter o superfluo, apropriando-os a si, quando

todos são de Deos, e não os repartindo com os pobres; como elle quer, e para o que lhos deu.

191 A luxuria he toda a casta de concupiscencia defordenada, e deshonesta em pensamentos, palavras, e obras. A ira he húa violenta commoção do animo do que se irrita, com a qual em certo modo fae de si, e da razão, e se accende em colera quando lhe succede o contrario ao seu gosto, e vontade. A gula he a defordem em comer, e beber, ou por ser fóra do tempo, e horas costumadas; ou por exceder o necessario, e dar larga ao appetite como os brutos, que comem athé se fartar; ou por comer com ancia, e impeto apressado como os cães; ou procurancão de proposito manjares exquisitos, e delicados mais para gosto, e regalo, do que para satisfacção da necessidade, o que, segundo os Theologos, não pôde deixar de ser culpa, ao menos venial, porque he apartar-se do recto fim, e razão. A inveja he húa tristeza pelo bem alheio considerado como que diminue a propria excellencia, e estimacção do invejoso, o qual não quizera que o invejado o excedesse, nem igualasse.

192 A perguiça he hum tedio, ou fastio ás cousas da virtude; he ter tristeza com as cousas espirituaes, que desfmaia, e infunde negligencia, e tibieza para as procurar, e para as deixar, se as praticava; tambem he perguiça o viver ocioso sem empregar o tempo em algum trabalho, ou occupação honesta, que he necessaria para lançar fóra a ociosidade, que he a mãy dos vicios, e madre da virtude. Todos estes vicios se purgão por virtudes contrarias, que são *Humildade* contra a soberba; *Liberalidade* contra a avareza; *Castidade* contra a luxuria; *Paciencia* contra a ira; *Temperança* contra a gula; *Diligencia* contra a perguiça, das quaes fallaremos quando tratarmos das mais virtudes. Na mortificacção das payxões, e pratica das virtudes he que consiste a *Guarda do coração*, que he húa vigilancia, e cuidado para o não deixar corromper com affectos sinistros, e para o ir adornando de virtudes, que o fação agradavel ao Deos, que o pede, e o quer puro, sem mancha, cheio, e não va-

zio de virtudes, e todo sem repartição, nem reserva de algũa parte delle para o mundo, diabo, ou carne; para o que já se ve he necessaria grande vigilância, e cautela nas payxões, nos sentidos, e potencias, e nas obras, pensamentos, e palavras, que não sejam taes, que minifrem ao coração algũa impureza, ou iniquidade, que o fação indigno de aceitação do Senhor.

## CAPITULO VI.

*Da Illuminação activa.*

193

**C**omo o peccado são trevas, que escurecem a luz da razão, e os appetites cegão a mesma razão, e o entendimento para lhe não deixarem ver claramente a gravidade da culpa, e a opposição que faz á bondade do Deos offendido, porque tambem lhe não deixa bem conhecer esta bondade, nem as mais razões, que da nossa parte, e da de Deos nos coarctão á obrigação de o amar; por isso ao passo que a alma se vai purgando das culpas, e desfarreigando os habitos viciosos, tambem lhe vão caindo as escamas dos olhos da razão, e vai recebendo luzes para se ir conhecendo a si, e a Deos: em si a sua vileza, e ingratição; em Deos a sua grandeza, e bondade, a sua misericordia, com que a soffreu, e as mais perfeições, e attributos divinos, que o fazem infinitamente amavel, e á vista dellas vai conhecendo a summa amabilidade de Deos, a gravidade da offensa, e se penetra de dor dos peccados, e de anciosos desejos de o servir; vão-se-lhe patenteando cada vez mais os beneficios, que tem recebido da liberal mão do Senhor, e as razões de mostrar-se agradecida, e se anima a emprehender hũa correspondencia fiel; e assim se vai a alma illuminando para ver o recto caminho da virtude, e os perigos, que deve evitar. Hũa illuminação se chama activa, porque he obra da creatura com o auxilio da graça, e he a de que tratamos aqui: a outra se chama passiva, porque he luz, que Deos sobre naturalmente concede, da qual trataremos adiante.

194 He pois a *Iluminação Activa* hum conhecimento mais claro , que a creatura vai tendõ de si , e de Deos pelo exterminio das trevas dos vicios , e novo oriente das luzes das virtudes. Por este conhecimento suspirava, e fazia diligencia S. Agostinho quando dizia : *Senhor conheça-me eu a mim , e conheça-vos a vós.* Esta he a sciencia das sciencias , que nunca se pôde bem comprehender ; pois por muito que o homem conheça a sua vileza , e miseria , ainda tem muita mais que conhecer : e por mais que tenha conhecido da grandeza , bondade , e perfeições do Omnipotente , não chegou a conhecer tanto d'elle , em comparação do que excede , como hũa pequena gotinha a respeito de toda a grandeza do mar. Faz-se pois , como disse , esta illuminação pelo exterminio dos vicios , que são trevas , e pela aquisição das virtudes , que são luzes ; e á proporção que a creatura se vai illuminando no conhecimento de si , e de Deos , se vai tambem purgando das maculas , e imperfeições das culpas ; e quanto mais estas se purgão , tanto mais a alma se vai illuminando , e profundando naquelles conhecimentos saudaveis ; pois como as trevas não podem estar com a luz , nem esta com ellas , ao passo que ellas se retirão , entra a luz ; ou por isso se retirão , porque esta entra ; e como estas trevas são actos , e habitos viciosos , he certo que a luz , que as ha de desterrar , hão de ser os actos , e habitos das virtudes ; e assim quanto mais a alma as vai adquirindo , tanto mais se vai illuminando , e desterrando as culpas : donde se vê o mutuo commercio , e correspondencia que observão entre si a purgação , e illuminação activas , pois hũa se não pôde praticar sem a outra.

195 A vida , payxão , e morte do Salvador he a materia , em que devem meditar os principiantes , que trabalharem por ser illuminados , e a norma que se devem propôr em suas obras ; pois como elle he o exemplar das virtudes , e as praticou todas para nosso exemplo , e he o caminho , e porta por onde se entra ao Pay , e ninguem pôde ir ao Pay senão por elle , e quem o vê a elle

le vê ao Pay, e elle he luz, verdade, e vida, e habita a luz inaccessível, he sem duvida que deste Mestre, e nesta Eschola divina devemos estudar as altas sciencias do espirito, e aprender a pratica das virtudes; deste fogo devemos receber luz, e claridade; a elle nos devemos chegar para sermos illuminados. Como pois esta illumination se consegue por meio das virtudes, como pela fé o conhecimento de Deos, de suas perfeições, e attributos, e dos beneficios, que lhe devemos; pela humildade o conhecimento de nós; pela caridade o do horror, graveza, e ingratição do peccado; pela prudencia o da sem razão das offensas, e o da rectidão, com que devemos obrar, e por todas o exterminio dos vicios, que nos conservão nas trevas da ignorancia, he justo demos de todas húa breve noticia, como fazemos no seguinte Capitulo.

## CAPITULO VII.

*Do meio, porque se faz a illumination activa, que são as virtudes.*

196 **A** *Virtude* he hum habito bom da alma, que inclina para o bem obrar. Húas virtudes são infusas, outras adquiridas. As infusas são as que Deos nos produz, ou cria na alma, sem que nós concorramos para isso mais que com algũa disposição, ou remoção de algum impedimento. As adquiridas são as que nós conseguimos com os nossos actos, e por nossa propria diligencia, aindaque sempre com o auxilio da graça cooperante, e coadjuvante, que Deos nos concede como causa universal, mas não como causa proxima, e immediata. Donde se vê, que os habitos das virtudes adquiridas havemos de produzi-los nós mesmos com a repetição dos seus actos; mas os das virtudes infusas são infundidos por Deos na mesma substancia da alma, sem que precedão actos alguns dessas virtudes: porém ainda que estes habitos são infundidos por Deos, depois de residirem na alma, podemos nós augmenta-los pelos actos  
 P 2 das

das mesmas virtudes. As virtudes de que aqui tratamos, hũas são *Theologaes*, outras *Moraes*. As *Theologaes* são a *Fé*, *Esperança*, e *Caridade*, e se chamão assim da palavra *Theos*, que quer dizer Deos, porque todas tres attendem immediattamente a elle.

197 As *moraes* chamaõ-se assim, porque servem para regular os costumes, e os dirigem segundo a recta razão; e são *Prudencia*, *Justiça*, *Fortaleza*, e *Temperança*, que tambem se chamão *Cardeaes* de *Cardo*, porque sobre ellas se movem os exercicios, que abrem a porta para a vida do espirito, e da perfeição. A prudencia pertence ao entendimento, e he a recta razão de obrar bem: as outras tres pertencem á vontade. As virtudes *Theologaes* todas tres são habitos sobrenaturaes infusos por Deos no Baptismo, que nos inclinão, e roborão para o exercicio dos seus actos. Com a fé cremos os mysterios revelados: com a esperança esperamos gozar de Deos, e dos bens eternos: com a caridade amamos a Deos por amor delle, e ao proximo por amor de Deos. Esta he a maior das virtudes, mas não a primeira, porque a primeira he a fé, que he a porta, por onde se entra ás mais, e sem fé nem se póde agradar a Deos, nem ter outra algũa virtude meritoria: e aindaque alguns infieis fação actos de caridade, e outras virtudes, estas não são habitos sobrenaturaes, senão hum natural dictame da razão, que póde proceder da prudencia.

198 As virtudes *moraes*, ou *cardeaes* são hũas fontes, donde todas as outras dimanão, e todas a ellas se reduzem; e tanto ellas, como as que dellas procedem, são ordinariamente adquiridas, mas póde Deos infundi-las quando, e a quem lhe parecer. A prudencia ainda que reside no entendimento tambem pertence ás virtudes *moraes*, porque he a recta razão de obrar bem, que dirige, e governa os actos de todas. Da prudencia dimanão muitas virtudes, que podem chamar-se partes della. Hũas são partes integraes, porque aperfeição o entendimento em ordem á prudencia, e são *Memoria*, *Intelligencia*, *Docilidade*, *Solercia*, *Providencia*, *Circunspecção*, e *Cautela*.

*tela*. Outras são partes subjectivas, porque ella as domina, e dirige, e são a *Monastica*, e *Politica*. A monastica tambem se chama particular, e he a que dá o modo de obrar bem aos particulares, não só como taes, mas tambem como membros, ou partes da communidade, ou republica. A politica, ou gubernativa tambem se chama commua, porque pertence ao bem commum.

199 Esta politica se subdivide em *Economica*, *Legal*, *Civil*, e *Militar*. A economica he a que pertence ao governo de hũa familia. A legal he a que dirige o acerto no estabelecimento das leys para o bem commum. A civil he a que procura a recta administração dos povos, e a observancia das leys. A militar he a que ensina a ordenar as guerras justas, e a disposição dos exercitos. A civil pertence a *Regnativa*, que se divide em *Monarchica*, que he quando hum só domina, e governa: em *Aristocratica*, que he quando o governo do Soberano depende do consentimento de alguns poucos: e em *Democratica*, que he quando o imperio he de todo o povo.

• Outras são partes potenciaes, porque são directivas da prudencia em alguns casos; como he a *Ebulia*, que ensina a consultar o que se ha de obrar: *Synésis*, que ensina a dar o conselho recto nas consultas: *Gnóme*, que ensina a interpretar a vontade do legislador em casos particulares fóra das leys, e he directiva da *Epichéia*, que he a actual interpretação dessas leys.

200 A justiça he hũa constante, e perpetua vontade de dar a cada hum o seu direito; e a ella pertence o obrar bem, e evitar o mal, que por isso tambem a graça, e rectidão das obras se chama justiça, e justos os que obrão rectamente. Divide-se em *Commutativa*, *Distributiva*, e *Legal*. A commutativa he de parte para parte, como de hum mercador para outro, porque só se dá nos contratos. A distributiva he do todo para as suas partes, como na distribuição dos bens communs, dignidades, e empregos da republica pelos cidadãos. A legal he das partes para o seu todo, principalmente na observancia das leys segundo a vontade interpretativa do legislador.

Tam-

Tambem são partes da justiça a *Religião*, *Penitencia*, *Piedade*, *Observancia*, *Agradecimento*, a *Vingança justa*, a *Verdade*, *Amizade*, e *Liberalidade*. A religião he a que dá a Deos o verdadeiro culto com orações, sacrificios, e mais actos devotos, o qual culto se chama *Latria* em differença do que se dá á Mãe de Deos, e se chama *Hyperdulia*, e do que se dá aos Santos, que se chama *Dulia*, e pertencem á virtude da observancia, como logo se dirá.

201 A penitencia he a que offerece a Deos a satisfação das offensas com actos internos de dor, arrependimento, e propositos de emenda, e com os externos de jejuns, abstinencias, vigílias, e macerações da carne; a esta se reduz a *Mortificação* interna, e externa de sentidos, e potencias. A piedade he a que ensina a venerar os pays, a patria, e os parentes. A observancia he a que ensina a guardar o respeito, e a honra devida ás pessoas constituídas em dignidade; e a esta pertence a *Obediencia* para com os superiores; a *Urbanidade* para com os ministros da justiça; a *Hyperdulia* para com a Mãe de Deos; e a *Dulia*, para com os Santos. O agradecimento he o que rende as graças aos bemfeitores pelos beneficios recebidos. A vindicativa ensina a lançar fóra o que he nocivo, e castigar os delictos para emenda. A verdade ensina a não enganar ao proximo. A amizade ensina a tratá-lo com agrado, e benevolencia. A liberalidade ensina a usar bem dos bens temporaes, não os entesourando com avareza, nem desperdiçando com prodigalidade, que são os dous extremos oppostos á liberalidade, o primeiro por diminuição, o segundo por excesso, mas dispendendo-os consigo, e com os pobres em húa mediania racional. A liberalidade se reduz a *Magnificencia*, e *Generosidade*, que tamhem devem ser sem superfluidade para serem virtude. A algúas das ditas virtudes lhes falta a razão de perfeita justiça por falta da igualdade, a que não podem chegar, como era necessario; taes são a religião, penitencia, piedade, hyperdulia, e outras.

202 A fortaleza ensina a reprimir o temor, e moderar

rar a audacia nos perigos, e difficuldades que occorrem. Á fortaleza pertencem a *Magnanimidade*, que inclina a emprehender coufas grandes, e heroicas em todo o genero de virtudes: a *Magnificencia*, que inclina para executar grandes obras: a *Diligencia*, que ensina a vencer a perguica: a *Devoção*, que ensina a vencer a tibieza nas coufas santas: e a *Paciencia*, que he hũa voluntaria, e continuada constancia em soffrer coufas arduas, e difficultosas sem perturbação de animo. A esta pertence a *Longanimidade*, que ensina a soffrer grandes tristezas, trabalhos, dores, afflições com animo pacifico, e alegre: a *Resignação*, e *Conformidade* nos trabalhos, e nas adversidades da vida: e a *Perseverança*, que ensina a estar firme no bem, e na tolerancia dos trabalhos. A esta pertence a *Constancia*, que ensina a vencer todos os impedimentos exteriores.

203 A temperança he a que ensina a moderar os appetites do corpo á cerca do comer, beber, e luxuria. Á temperança pertencem a *Abstinencia*, *Sobriedade*, e *Castidade*, ou *Pudicicia*, as quaes se oppõem á gula, á ebriedade, á luxuria, ou impudicicia. Tambem pertencem á temperança a *Vergonha*, e a *Honestidade*. A vergonha faz evitar o que he torpe por temor do oprobrio, e confusão, á qual se ajunta a *Erubescencia*, que nasce do temor do vituperio. A honestidade he a que ensina a exterior composição do corpo, a que pertence o *Pudôr*, que ensina a modestia diante de pessoas de outro sexo. Tambem são partes da temperança a *Continencia*, a *Mansidão*, a *Clemencia*, e a *Modestia*, e debaixo desta em commum se contem a *Humildade*, a *Studiosidade*, a *Eutrapelia*, e a modestia nas acções particulares exteriores. A continencia he a que ensina a moderar as payxões. A mansidão he a que ensina a moderar a ira. A clemencia ensina a moderar o castigo na vingança quanto pede a razão, e permite a justiça. A modestia tomada geralmente, he a que ensina a moderar as acções interiores, e exteriores. A humildade ensina a não elevar o animo desordenadamente. A studiosidade dirige os affectos para soli-

folicitar saber o que importa, e ignorar o que não importa. A eutrapelia põe modo de razão, e recto fim aos jogos, e divertimentos honestos. A modestia exterior põe moderação nas acções, e movimentos exteriores do corpo. A esta pertence a *Parcimonia*, que modera o uso das cousas externas pertencentes ao corpo, como vestidos, gallas, joyas, e similhantes.

204 Todas as virtudes moraes, que aperfeiçoão a alma, são tão connexas hũas com outras, que nenhũa pôde estar em estado perfeito sem as outras; pôde porém em gráo imperfecto. Donde se vê quanto he necessario a quem deseja chegar ao perfeito estado da virtude, fazer diligencia por todas; peloque hũas dependem das outras, e os defeitos contra hũa redundão em todas. As virtudes Theologaes primeiras pôdem estar na alma sem as que se seguem, mas não as segundas sem as primeiras. Assim a fé pôde estar sem a esperança, e caridade: a fé, e esperança pôdem estar sem caridade; mas não pôde estar a esperança sem fé; nem a caridade sem fé, e esperança. Mas quando as primeiras estão sem caridade não tem razão de perfeita virtude. E assim tambem as outras virtudes moraes sem caridade não pôdem ter a razão de verdadeiras virtudes, nem ordem de sobrenaturalidade; aindaque se possão praticar como actos, ou habitos naturaes: por isso quem quizer as virtudes meritorias, cuide em conservar a graça, e caridade.

205 Para adquirir as virtudes he necessario primeiro conhecer que cousa he virtude; porque muitas vezes os vicios parecem virtudes, como por exemplo, a vingança, e ira parece zelo; a avareza parece economia, ou temperança; a prodigalidade parece liberalidade, e assim em outras. Por isso he necessario ao Director discernir com vigilancia entre a virtude, e o vicio para separar a zizania da boa semente. Segundo, he necessario ter grande estimação da virtude; porque o que se não estima não se ama, e o que se não ama, não se busca. Terceiro, he necessario pedi-la a Deos com instancia; porque he o dador dos dons, e sem elle nada podemos. Quarto, he neces-

necessario querer imitar em tudo a Jesus Christo, que he o Mestre, e exemplar das virtudes. Quinto, deve o varão espiritual emprehende-la com animo, e resolução de vencer todos os impedimentos que se lhe offereção: *Quia nihil volenti difficile*. Deve alentarse com a esperança do premio, e não descançar no começado projecto, nem desfalecer no proposito, antes renova-lo com frequencia, e assim facilmente conseguirá as virtudes. Ultimamente deve fazer a principal diligencia por adquirir a de que mais necessita, que he a contraria ao vicio, ou payxão dominante, conforme ao que desta dissemos, (a n. 184.) fazendo cada dia muitos actos dessa virtude, e examinando em todos o progresso, que nella tem feito, o que conhecerá pelo vencimento que for tendo nos insultos do vicio contrario.

206 Ainda que o exercicio das virtudes he necessario em todo o decurso da vida espiritual, com tudo he diferente em cada hum dos estados, ou vias do espirito: porque no de principiantes começa a apparecer a virtude pela evacuação das culpas, erradicação dos vicios, mortificação dos appetites, e moderação das payxões; pois como dissemos, com estas diligencias se vão conseguindo as virtudes ao passo que se exterminão os vicios. No de perfectos estão as virtudes em gráo heroico, como em seu lugar se dirá, e se aperfeiçoão as potencias de tal forte, que já livres de tudo exterior, e recolhidas dentro em si se unem suavemente com Deos, e em certo modo transformadas nelle gozão de húa bemaventurança inchoada. Porém no de proficientes estão as virtudes em hum certo gráo de perfeição, que he medio entre o da via purgativa, e unitiva, ou de principiantes, e perfectos, no qual de tal forte illustrão as potencias, que causão no coração huma tranquillidade pacifica, e ao entendimento hum recolhimento quieto, necessario para a contemplação.

207 Por alguns indicios se póde conhecer quando se tem conseguido as virtudes neste gráo medio, ou estado illuminativo. O primeiro, e totalmente certo he se a

creatura vê que obra facil, prompta, constante; e gostosamente a respeito da sua materia, quando antes obra-va com difficuldade, repugnancia, e tristeza; porque he final de que já a alma adquirio habito para obrar facilmente. O segundo indicio he carecer da guerra dos vicios passados, e da importuna molestia das payxões, porque he final de que a virtude os vence, e reprime. Mas he de advertir, que algũas vezes a algũas almas, ainda fantissimas, permite Deos movimentos desordenados das payxões, ou de algũa dellas para exercicio da humildade, ou para augmento do merito, como fez a S. Paulo, a S. Jeronymo, a S. Catharina de Sena, e outros muitos: e por isso não se devem julgar imperfeitos, antes com o vencimento se aperfeiçoaráõ mais. O terceiro indicio he a exacta observancia dos mandamentos, e leys particulares de cada estado. O quarto he o ancioso desejo de aproveitar nas virtudes, e de imitar nellas a Jesus Christo, e aos Santos. Quem achar em si estes indicios, dê graças a Deos, e humilhe-se, porque da sua divina mão lhe veio o ter adquirido as virtudes, e nada presume de si, nem cesse de as augmentar com diligencia, porque nunca as terá em tal gráo de perfeição, que não possa ter mais; nem descanse, ou se descuide nesta diligencia, porque no exercicio das virtudes quem não vai adiante, torna atraz.

## CAPITULO VIII.

### *Da União activa.*

208 **O** Principal effeito do amor he a união dos amantes, porque o amante verdadeiro de tal sorte enlaça a sua vontade com a do amado, que por ella se move, e governa, como se não tivera mais vontade do que a delle: e na verdade não se póde dizer que ama deveras quem contradiz a vontade do amado. Não se trata aqui da união de Deos com as almas por immensidade, com que está igualmente em todas as crea-

creaturas ; nem da união por graça santificante , porque esta succede a todos os justos ; mas só da união mystica da alma com Deos por affecto , e amor intenso , a qual se divide em activa , ou adquirida ; e em passiva , ou frutiva . A passiva he quando Deos arrebatata a alma a hum conhecimento experimental de si mesmo com hum gosto , e tacto interno , e sobrenatural , da qual em seu lugar fallaremos . A activa he a que nós podemos conseguir , e procurar por nossa diligencia , e consiste em hũa total conformidade , e resignação da nossa vontade com a de Deos , querendo o que elle quer ; aborrecendo o que elle aborrece ; attribuindo tudo quanto succede , seja prospero , seja aduerso , ás disposições de sua sábia providencia ; e por isso com nada nos perturbarmos , antes conservando em tudo a paz do coração ; estando certos que tudo Deos permite , ou dispõe , os bens para bens , e os males para delles fazer bens ; pois como diz S. Agostinho , julgou que era melhor dos males fazer bens , do que não permittir que ouvesse males nenhuns .

209 Nesta paz , conformidade , e união he que consiste a summa da perfeição , e virtude , tanto , que como diz S. Theresa , quem a tiver alcançado nada se lhe dê da passiva , e frutiva , porque o q̃ esta tem de mais estimavel he proceder da activa , e a venturosa alma , que a tiver alcançado vivirá com descanso nesta vida , e na outra . E na verdade não póde deixar de viver com grande tranquillidade , e descanso quem vive nesta paz inalteravel , porque está certo que em tudo obra o melhor , e o que he vontade de Deos ; tudo lhe succede a seu gosto , tudo para elle he bom , em tudo acha gosto , e consolação ; com nada se entristece , com nada se desgosta , com nada se afflige , e finalmente tem já nesta vida hũa bemaventurança verdadeira , porque não encontra males , nem contradicções nenhũas , senão tudo bens , e tudo fortunas : sim ; porque os males , e as desfortunas do mundo consistem em nos succederem as cousas contrarias ao nosso gosto , e desejo ; e como ao verdadeiro unido , e conforme tudo lhe succede como deseja , e tu-

do ao seu gosto, porque he o de Deos, tudo para elle são gostos, e fortunas, e nada desfortunas, nem desgostos.

210 Isto foi o que Deos ensinou ao veneravel Taulero naquelle raro successo, que elle mesmo conta em suas obras, e he da maneira seguinte. Ancioso Taulero de ter hum mestre, que o dirigisse na virtude, e lhe ensinasse o modo de subir ao monte da perfeição, o pedia a Deos com instancia, e em hũa vez que com mais ancia derramou o coração em sua presença, ouviu hũa voz, que lhe disse, que sahisse ás grades do templo, e ali acharia o que desejava: foi, e achando só hum pobre mendigo roto, descalço, macilento, desfigurado pelas fomes, e frios que padecia, o saudou deste modo: Tenhais bons dias Irmão: a que o pobre mendigo respondeu: Agradeço-vos a saudação, mas sabei que não me lembro que tivesse na minha vida hum dia máo, e na minha mão está o não ter máo daqui em diante; porque dia máo he aquelle, em que não damos a Deos a gloria, e louvor, que lhe devemos; e eu em todos, e tudo o louvo, e posso louvar como devo; pois se tenho fome louvo a Deos; se padeço necessidades, se não acho quem me favoreça louvo a Deos; se me chove, e faz frio louvo a Deos, e em todos os trabalhos louvo a Deos; porque vejo que me vem da sua mão, e dispostos por sua divina providencia; e desta maneira são para mim bem, e he bom o dia, em que o: padeço: porque as adversidades não fazem que o dia seja adverso, senão a nossa impaciencia nellas; pois nasce de não termos a nossa vontade fugeita á de Deos.

211 Muito me alegro que sempre tenhais tido bons dias, ( disse Taulero ) e com elles vos desejo muitas fortunas. Tambem nunca deixei de as ter, nem deixarei, se quizer: ( respondeu o mendigo ) pois fortuna he ter o que desejamos, e o melhor; e como eu sempre dezojo, e posso dezejar o que Deos quer, e isso fei que he o melhor, e isto acho em tudo o que succede seja prospero, seja adverso, sempre me succede bem, e com fortuna. Queira Deos, Irmão meu, ( tornou Taulero ) que de-

depois desses bens, e fortunas alcanceis a bemaventurança. Pois estai certo, (respondeu o mendigo) que nunca careci, nem careço, nem carecerei, se quizer, da bemaventurança: pois se esta consiste em ter cada hum o que deseja sem desgosto; quem tem inteiramente resignada a sua vontade na de Deos, e tem esta por sua propria, conformando-se com ella, e folgando-se com o beneplacito de Deos, bemaventurado lhe podemos chamar na terra; porque tem já gostos celestiaes em ver que em tudo se faz a sua vontade, a qual he conforme com a de Deos: e como eu me determinei a ser sempre da parte da de Deos, de sorte que a minha não excedesse a sua, nem ficasse em mim algum querer senão ajustado ao seu, e nisto posso estar sempre com a graça Divina, já me tenho por bemaventurado na terra.

212 Quem tanto sabe extrahir a medulla da virtude; quem dá tão sabias, e tão sublimes lições na perfeição, aindaque seja pobre, mendigo, roto, e desfigurado, aindaque seja rustico, e ignorante nas outras sciencias do seculo, como he tão douto na sabedoria dos Santos, bem póde ser Mestre, e Director de hum homem tão sabio, de hum Theologo tão eminente, de hum varão tão respeitado, e tão attendido, e ainda tão virtuoso como já era Taulero: e com effeito o foi em quanto viveu, dirigindo-o sempre com admiraveis instrucções, que todas se encaminhavão a faze-lo negar a sua propria vontade, e estar firme, pacifico, alegre, e conforme com a de Deos em todos os acontecimentos, e por esta, que se póde chamar estrada do paraíso, o levou athé húa perfeição tão sublime, como a do veneravel Taulero. E depois de húa tão alta doutrina nada mais me resta dizer a respeito desta união activa, senão que o final, por onde podemos conhecer se a temos adquirido he se amamos a Deos, e ao proximo, porque esta he a vontade de Deos, e sem isto não ha união; antes ha divisão, e separação.

## CAPITULO IX.

*Do exercicio da Contemplação adquirida.*

213 **J**Á fica dito (*an. 143.*) que a *Contemplação* he hum acto simplez , e fixo , que attende para alguma verdade com admiração , e gozo ; que se divide em activa , e passiva , ou em adquirida , e infusa , que he o mesmo ; que a infusa he obra de Deos em nós , mas a adquirida a podemos nós ter por nossa diligencia com os auxilios ordinarios da graça ; e que esta contemplação se dá segundo a mais commua opinião dos Mysticos. Em que tempo porém se deva a creatura exercitar nesta contemplação adquirida , não o resolvem claramente os mesmos Mestres do espirito ; e fundão a razão de duvidar em que o illuminado S. João da Cruz chama ao estado de principiantes estado de meditação , e discurso , e ao de aproveitados estado de contemplação sobrenatural , e infusa : e tambem aconselha (*Subida l. 2. c. 13.*) que em quanto na meditação se achar çuco , e se poder discorrer , a não deve deixar a creatura ; segundo o qual parece não fica lugar para a contemplação adquirida.

214 Eu porém segundo o que do mesmo Santo tenho colligido , e de outros Authores , e Mysticos , que consultei na materia , e tambem do que a experiencia me ensinou em algúas almas , julgo que o exercicio da contemplação adquirida deve começar no estado de principiantes , ao menos pelo fim delle ; aindaque tambem deve continuar no de aproveitados , ao menos nos principios , em que húas vezes há natural junto com sobrenatural , outras ha sómente natural. Pois sendo , como he a contemplação o fim , e o fructo da meditação ; e a activa a disposição para a passiva , pela qual passiva começa o estado de aproveitados na purgação passiva do sentido , como expressamente diz o S. Padre , (*Noite L. 1. c. 1. e 9.*) he sem duvida que já antes de entrar a creatura no dito estado de aproveitados se deve ter exercitado , e dis-  
pos-

posto para elle com a contemplação adquirida, e conseguido o fim, e fructo da meditação como fica dito. E como nem sempre no estado de aproveitados concede Deos a contemplação infusa, e nos principios he esta em gráo mais remisso, e inferior, não deve a creatura cessar da propria diligencia, mas exercitar-se na activa, em quanto Deos a não pozer na passiva.

215 E se S. João da Cruz diz que o estado de principiantes he de meditação, e discurso, e que deste se passa para o de aproveitados, a que já chama de contemplação sobrenatural, e infusa; he porque a meditação he a que mais se deve exercitar no primeiro, e a contemplação, aindaque tambem nelle se deve praticar, não he constantemente, e como de principal, senão como fim, e fructo da mesma meditação; e no segundo he mais ordinaria a contemplação infusa, ainda nos mesmos principios, supposto que antes desconhecida da creatura; porque por ella como instrumento purgativo se faz a purgação passiva do sentido, pela qual principia o dito estado; por isso o Santo Mystico o chama absolutamente de contemplação infusa, mas isto não tira que a creatura faça da sua parte diligencia pela activa, em que athe ali se tem exercitado, quando faltar a passiva. E tambem no primeiro se confunde a contemplação activa com o nome de meditação, porque, principalmente nos principios, pouco differem húa de outra.

216 O veneravel Paulo Señeri varão bem experimentado na materia confirma bem decisivamente esta doutrina pela maneira seguinte: (*Concord. P. 3. c. 1. §. 2.*) „ A  
 „ contemplação adquirida costuma ser fructo da medita-  
 „ ção constante, e assim, se damos credito aos Theolo-  
 „ gos, não se destingue muito da meditação, senão que  
 „ a aperfeioa, e realça; porque he o modo perfeito  
 „ de conhecer húa cousa, quem a tem visto muitas vezes  
 „ com individual attenção. Como succedeu á Raynha  
 „ Sabá, que ao principio foi com grande gosto confide-  
 „ rando por partes a gloria de Salomão, e depois con-  
 „ siderando-a toda junta formou della hum conceito tão

„ ca-

„ cabal , que para contemplar nella , estimá-la , e ficar-se  
 „ atonita , só necessitava traze-la á memoria. Este foi o  
 „ conhecimento , que pelo que toca ao entendimento a  
 „ fez sahir como fóra de si toda atonita , e absorta em  
 „ admiração : *Non erat præ stupore ultra in ea spiritus.*  
 „ E pelo que toca á vontade a fez romper naquelles af-  
 „ fectos tão ternos para com o Rey : *Beati viri , & bea-*  
 „ *ti servi tui , qui assistunt coram te omni tempore , &*  
 „ *audiunt sapientiam tuam.* Por esta razão quando se co-  
 „ nhece que com o exercicio de meditar húa alma tem al-  
 „ cançado hum modo de conhecer , ou conceber as cou-  
 „ sas como este , de que acabamos de fallar , deixe-se  
 „ perseverar nelle , que isto he contemplar. Mas este não  
 „ he de nenhúa maneira estado fixo. E por isso não creia  
 „ nunca a tal alma que obra contra o seu estado pro-  
 „ prio se algúa vez por algúa necessidade particular ou-  
 „ vesse de tornar a meditar. „ Athe aqui o douto , e ve-  
 „ neravel Padre.

217 Que já antes de entrar a alma no estado de apro-  
 veitados se deva ter exercitado , e conseguido habito de  
 contemplação adquirida , parece he expresso de S. João  
 da Cruz , que fallando do dito estado , em que a alma  
 passa do de principiantes para o de aproveitados , que he  
 ao entrar na purgação passiva , ou noite escura do ienti-  
 tido diz assim : (*Subida L. 2. c. 14.*) „ Já a alma neste  
 „ tempo tem o espirito de meditação em substancia , e  
 „ habito ; porque o fim da meditação , e discurso nas  
 „ cousas de Deos he tirar algúa noticia , e amor de Deos,  
 „ e cada vez que a alma a tira he hum acto ; e muitos  
 „ actos destas noticias amorosas , que a alma tem hido  
 „ tirando por vezes com o trabalho de meditar , vem por  
 „ uso a continuar-se tanto , que se faz habito da mesma  
 „ noticia. O qual tambem Deos costuma fazer sem estes  
 „ actos de meditação , pondo logo as almas em contem-  
 „ plação. E assim o que a alma antes hia tirando por  
 „ vezes com o trabalho de meditar em noticias particu-  
 „ res , já pelo uso se tem feito habito nella , e substan-  
 „ cia de húa noticia amorosa geral , não destinta , nem  
 „ par-

particular, como antes. Pelo que em se pondo em oração, já como quem tem tirado a agua da fonte, bebe sem trabalho em suavidade, sem ser necessario tira-la pelos alcatruzes das passadas meditações, formas, e figuras. De sorte que logo em se pondo diante de Deos se põe em acto de noticia confusa, amorosa, pacifica, e sossegada, em que está a alma bebendo sabedoria, amor, e labor.

218 Desta doutrina de tão grande, e experimentado Mestre do espirito se vê claramente que antes de entrar a alma no estado de aproveitados já ha de ter o habito da contemplação activa, que he o mesmo que aquella *noticia geral, e confusa, amorosa, pacifica, e sossegada*. e como os habitos se adquirem pela repetição dos actos, he sem duvida que muito antes se ha de ter a alma exercitado em actos da dita contemplação, que são aquelles *actos de noticias amorosas*, que o Santo diz vai a alma por vezes tirando da meditação, os quaes vem a gerar habito conforme a elles; e como elles são actos de contemplação adquirida, tal ha de ser o habito que delles resulta. Donde se confirma o já dito, que o fim, e fructo da meditação he a contemplação; não a infusa, porque esta não pôde ser causada pela meditação, q̄ he natural, mas sim a adquirida, q̄ he natural como ella; e se infere tambem, que quem medita não ha de parar só no discurso, mas fazer diligencia por adquirir algũa noticia geral, e confusa, em que se occupe pacifica, e amorosamente no fim da meditação, como fructo, e fim della, e tanta mais diligencia deve fazer por adquirir, e se ficar nesta noticia geral, simplez, e amorosa de contemplação, quanto mais tempo tem exercitado a meditação, e discurso; mas sempre deve principiar por meditação, que he o arrimo da contemplação, não só activa, mas tambem da passiva, como diz o mesmo Santo. (*ibi c. 15.*)

219 Á vista do que não me posso conformar com o que diz o Author da Lucerna Mystica (*Prolog. animado. n. 16.*) que para o exercicio da contemplação adquirida

he necessario, que a alma se tenha exercitado por muito tempo na via purgativa, e illuminativa, e nas suas meditações, pelas quaes tenha adquirido habito de perseverar na noticia simplez, e amatoria de Deos: e accrescenta, que a dita contemplação adquirida he só exercicio dos perfectos, o que prova com esta authoridade de Soares: *Contemplationem, quae spectat ad viam unitivam, esse propriam perfectorum, &c.* O que não se deve entender da contemplação adquirida, nem ainda da infusa em grãos inferiores; porque esta he propria dos aproveitados na via illuminativa, como fica dito, e se dirá com S. João da Cruz: mas só se deve entender da contemplação infusa em grãos sublimes, e já contínua, e como por habito, a qual he certo, q̄ he só propria dos perfectos no estado da via unitiva, como lá se dirá. Se não he que por via purgativa, illuminativa, unitiva, e estado de perfectos entende ali o dito Author os estados activos das tres vias, que então estamos conformes; pois como dissemos, (n. 89.) todos os activos precedem antes que algum dos passivos, e só na de perfectos, e via unitiva activa he que pomos o exercicio da contemplação adquirida, como se verá adiante. (n. n. 284.)

220 Aqui se deve notar a differença, que ha entre ponderação, e contemplação: pois a ponderação he hum acto reflexivo do discursão, como se disse, (n. 125.) com que julga, e pésa com reflexão as circumstancias investigadas no objecto pelo acto do conhecimento, a qual ponderação tanto não he contemplação, que nem meditação he ainda, porque he só hum juizo, e exame, com que a creatura fallando consigo mesma reflecte sobre o que tem conhecido no objecto para mais efficaçmente mover a vontade a affectos proporcionados, com os quaes fallando a creatura com Deos, se completa a meditação; mas a contemplação he hum simplez intuito, que singelamente attende, e conhece a verdade em noticia geral, confusa, e amatoria, como quem olha fixamente, e com attenção para o objecto da vista. A ponderação he hum como mastigar o espiritual alimento, ou materia da me-  
di-

ditação; mas a contemplação he hum gostar, e suavizar-se a alma com elle descansadamente. E assim a ponderação he meio para a meditação; e a contemplação he termo, e fim da ponderação, e meditação. Mas quando as verdades ponderadas são certas, que não necessitam da reflexão para se conhecerem, como são as da nossa fé, a ponderação, que sobre ellas se fizer, será contemplação, e como admiração, e quieta vista do objecto.

221 O modo de praticar esta contemplação adquirida, além do que neste capitulo se diz, e se disse no Tratado Segundo, (a n. 141.) se poderá também ver no seguinte capitulo, em que se explica a oração de quiete, e de fé, que ambas são a mesma contemplação, que dizemos. Aqui advirto oito circumstancias, q̄ diz S. Bernardo deve ter a alma para poder excitar-se na contemplação adquirida. A primeira he pureza de coração contínua, ou quasi contínua. A segunda dominio sobre as payxões adquirido pelo exercicio das virtudes moraes. A terceira não se confiar na propria prudencia, nem ser sábia em seus olhos, nem ter apego a sensualidades. A quarta não appetecer cousas altas, nem esquadriñar o que excede a humana capacidade. A quinta nunca estar ociosa, mas ter as horas repartidas em exercicios honestos; e que todos digão ordem a Deos. A sexta, que examine muito o que aproveita, e que conheça o muito que lhe falta para ser perfeita. A septima dar-se á soledade, e silencio communicando parcamente com os proximos, quanto obrigação, ou permittem a caridade, a necessidade, ou a obediencia. A oitava, retiro do seculo, e abstracção dos seus negocios, cuidados, vaidades, e desejo das riquezas, ou apego a ellas; pois só na solidão, e deserto de todas estas cousas he que Deos falla ao coração da creatura. *Ducam eam in solitudinem, & ibi loquar ad cor ejus* (Osee 2.)

222 Por falta destas tão necessarias circumstancias he que muitas almas, ou não praticão a santa contemplação, e andão sempre acanhadas como principiantes podendo já ter feito felizes progressos na virtude se se souberem desprender destes laços, que as retardão, e fazem

que nellas se verifique aquillo de S. João Climaco: (*cap. e escad. 26.*) *Que he confusão grande ver andar hum velho na escola com os meninos*: Ou tornão atraz depois de a terem exercitado algum tempo, por se tornarem aos defeitos, que ellas acautelão. Tambem se dão outras duas causas, que fazem retroceder da santa contemplação, como diz S. João da Cruz. (*Subida l. 2. c. 13.*), „ Húa he por-  
 „ que aos principios da contemplação costuma ser a no-  
 „ ticia amorosa mui sutil, delicada, e quasi insensível. A  
 „ outra porque havendo estado a alma habituada ao ou-  
 „ tro exercicio da meditação, que he mais sensível, não  
 „ percebe bem, nem quasi sente a novidade da contem-  
 „ plação, que he quasi insensível, e já pura de espirito.  
 Tambem costuma ser embaraço para a contemplação, e não pequeno, a ignorancia, ou falta de experiencia dos Directores, que ou não sabem que cousa he contemplação, ou cuidão que só he propria para as almas, que como S. Paulo se arrebatem athé o terceiro Céo. Veirão-se a respeito disto os lugares citados (*n. 25., & n. 573., & n. 596.*)

223 Persevere pois a alma na diligencia de se conservar naquella noticia geral, e amorosa em acto de fé affectiva, ainda que lhe pareça que não faz assim tanto, como com a meditação discursiva, porque se quizer tornar a esta deixando aquella, nem húa, nem outra achará, e perderá todo o tempo. Mas se de todo lhe faltar o recolhimento para húa, e outra, e em nenhúa poder achar a presença de Deos, exercite jaculatorias, e affectos piedosos; e ainda que tambem nestes se ache secca, e pouco fervorosa, não deixe com tudo de os repetir arrancando-os do coração á força de diligencia, que estes são de maior merecimento do que os que elle produz a impulsos da devoção sensível: e ainda que nelles não ache gosto, basta que elles lhe sejam de proveito; q tambem o enfermo, ainda que tenha fastio; come porque lhe importa; não para recrear o gosto, que antes o mortifica; mas para alimentar a natureza, e resistir ao mal; e o que come, ainda que o não suaviza, lhe aproveita. Anime-se

se a alma a esta diligencia, e força dos affectos com o que diz S. Francisco de Sales: Que húa onça de obra feita no meio das trevas, e seccuras com a ponta do espirito vale mais que cem libras feitas entre consolações, e devotos sentimentos. E se a alma perseverar, irá vencendo a difficuldade, e adquirindo o recolhimento.

224 Convem tambem muito ao contemplativo saber, que cousa he pensamento, que differença tem do entendimento, e como póde embarçar, ou não servir de embarço para a contemplação; para saber quando tem, ou não tem culpa na distracção, ou seccuras. O pensamento differe tanto do entendimento, que este he húa potencia d'alma, e espiritual como ella, e aquelle he húa potencia sensitiva, e material como o corpo, de que procede; pois não he outra cousa o pensamento senão húa obra da imaginação, ou hum effeito dos espiritos animacs, que discorrendo pelo cerebro, e passando por aquella parte, q se chama imaginativa, ou memoria material, como dissemos, (n. 168., & 171.) suscitão as ideas dos objectos, cujas imagens ahi encontram, e fazem avivar a lembrança, ou imaginação dellas: e como os espiritos animacs nunca parão, por isso se suscitão a cada instante tantas, e tão distinctas ideas, quantas são as imagens, que elles encontram no cerebro, ou memoria material, e como esta está tão junta com a espiritual, nada se move naquella, que nesta se não suscite; mas como o entendimento póde estar tão occupado na consideração, e attenção de hum objecto, que a nenhum outro attenda, como succede a quem está com grande applicação ao estudo, ao jogo, ou outras occupações de cuidado; póde tambem no acto de contemplar estar tão attento, e fixo no seu objecto, que a-nenhúas ideas do pensamento, ou da imaginação dê entrada, nem estas o embarcem por mais que inquietas discorram, e se movão; assim como a ovelha se está apascentando descansada, em quanto o cordeirinho seu filho anda saltando diante della, e correndo de húa a outra parte, sem que ella a isso attenda, nem se embarace com isso. Veja-se S. Theresa. (*Moradas 4. c. 1.*)

225 Deve o contemplativo ter muita determinação em não ter apego a gostos, ou a fervores sensíveis na oração, não se consolando muito com elles, nem se desconfolando se faltão, que quem tiver esta virtuosa indifferença vai edificando sobre fundamento firme: pois não está o amor de Deos em ter lagrimas, gostos, ou ternuras, senão em o servir com justiça, fortaleza, e humildade. Ter gostos mais he favor que recebemos, do que obsequio, que fazemos a Deos, e neste, e não naquelle está o merecimento. Se Deos dá a devoção, estime-se em muito, mas quando a não dá não se desconsole, que assim julgará o Senhor que convem. O contrario he falta, e imperfeição, e não andar com liberdade de espirito. Cuidão algúas almas que não fazem nada em deixando de obrar o entendimento; e talvez que então a vontade se alente, e tome mais forças sem que ellas o entendão. O Senhor attende aos corações, e aos desejos, e bem vê que estas almas os tem de meditar sempre nelle, e ama-lo: se tem esta determinação pacifiquem-se, e satisfaçam-se com saber que o Senhor as conhece; que o contrario he perder tempo. E muitas vezes tambem procede a falta de recolhimento de indisposição do corpo, do qual depende a alma para obrar, e se então se quer forçar he peor; e quando proceder disto he melhor esperar tempo, e occasião, e deixar por então a fadiga. Mas he necessario discrição, e cuidado não seja do demonio essa fraqueza, como muitas vezes he, que então por nenhum modo se deve deixar a oração.

## CAPITULO X.

*Do exercicio da Presença de Deos, e oração de Recolhimento, de Quietude, e de Fé adquiridas.*

226 **H**E de tanto proveito, e tão recomendavel na vida do espirito o exercicio da *Presença de Deos*, que podemos dizer, que nelle consiste toda a origem, e todo o estímulo da perfeição, e virtude;

de; por isso o mesmo Deos, que queria ensinar a Abraham o modo de a conseguir, lhe aconselha, que ande na sua presença, e elle será perfeito: *Ambula coram me, & esto perfectus.* (Genes. 17.) E he sem duvida, pois se a presença dos pays da terra nos infunde respeito, e cautela para lhe fazermos em tudo a vontade, e não os desagradar em nada á sua vista, temendo a sua reprehensão, ou castigo, quanto mais a presença do Pay celestial, que he testemunha, e juiz das nossas obras, e vê até o mais occulto dos nossos corações será bastante para as regular segundo a recta razão, e vontade divina em quem o considerar todo olhos, e todo presente a quanto fizer, e cuidar? Certamente não poderá deixar de o respeitar, e temer, e de se cohibir nos excessos das payxões, quem bem se profundar na viva fé, e certeza de que Deos o vê, e lhe está presente. Dita-o assim tanto a mesma razão natural, que até o chegarão a conhecer os Gentios; por isso Seneca disse: *Assim has de viver com os homens, como que Deos te está vendo, e assim has de fallar com Deos como se te virão os homens.* (Epist. 10.) De grande confusão devia ser este dito para muitos dos q̄ tratão de oração. Considere cada hum o que dirião os homens, se virão o que algúas vezes pensão ali, e o que dirá Deos, que sempre o vê.

227 Consiste pois este santo exercicio da presença de Deos em hũa piedosa fé, e attenção, com que cremos, e consideramos a Deos presente em todo o tempo, e lugar a todas as nossas operações internas, e externas. De dous modos póde ser esta presença, ou consideração de Deos presente, hũa *Imaginária*, outra *Intellectual*. A imaginária he quando o representamos, ou conhecemos debaixo d'algũa imagem, que formamos; como quando fingimos o Eterno Pay na figura de hum venerando Senhor, e ancião; o Espirito Santo em figura de pomba; os Anjos na de formosos mancebos; ou quando representamos a Christo em algum passo, ou mysterio de sua vida. O mesmo se póde dizer da presença da Santissima Virgem, e outros Santos. E ainda que Deos não tenha corpo; e  
nem

nem Christo, nem os Santos estejam corporalmente em todas as partes, porque não são corpos immensos, com tudo he mui proveitoso ás almas considerar assim a Deos presente em toda a parte, ou ainda os Anjos, e Santos; e especialmente a Jesus Christo em algum mysterio da sua vida, ou algum passo da sua dolorosa Payxão, para a diligencia de o imitar nas virtudes, fazer-nos semelhantes a elle quanto podermos, fallar-lhe, agradecer-lhe os beneficios, que lhe devemos, offerecer-lhe as obras de virtude, pedir-lhe a benção, e graça para as fazer com perfeição, e consolar-nos com elle nos trabalhos.

228 Esta presença assim de Jesus Christo pôde ser repartida pelos dias da semana cada hum em seu passo, ou imagem, como dictar a devoção; como por exemplo: na Segunda feira orando no horto, suando sangue, cheio de agonias: na Terça feira açoutado, descarnado a golpes, regando a terra com sangue até chegar tres vezes ás agonias da morte: na Quarta feira coroado de espinhos como Rey fingido, cheio de ludibrios, desprezos, e afrontas: na Quinta caminhando com a Sagrada Cruz para o Calvario ajoelhando, e cahindo a cada passo: na Sexta feira crucificado, e morto: no Sabbado posto nos braços da dolorosa Mãe, ou sepultado: no Domingo resuscitado triunfante, cheio de resplendor, gloria, e magestade. Mas advirto que na presença deste Divino composto não se há de considerar só como homem; mas como homem, e Deos juntamente, em quem habita toda a plenidão da Divindade, de que não estão, nem podem estar separados o Pay, e o Espirito Santo.

229 A presença intellectual he a mais perfeita, e mais conforme ao conceito de Deos; e he quando fundados nos principios, e certeza da fé representamos no nosso entendimento a Deos não com algũa forma; ou imagem corporea, ou material, se não debaixo de hum conceito de substancia espiritual, divina, infinita, immensa, que enche tudo; tudo penetra até a medúla dos ossos, e mais intimo dos nossos corações; dentro do qual andamos como dentro da luz, ou do ar, que respiramos, e elle dentro

tro de nós; e que em toda a parte vê, e he todo olhos, e tudo quanto obramos, ou passa pelo nosso entendimento, ou coração, tudo he á sua vista, e presença, e tudo vê, e conhece mais claramente que nós mesmos; que nelle, e dentro d'elle nos movemos, estando, e tocando nelle, e elle em nós, sem que possa apartar-se de nós, nem nós d'elle. Esta presença intellectual, ainda que he mais perfeita, tambem he mais difficilosa de conservar por ser abstrahida dos sentidos; e assim he mais propria das almas já adiantadas na virtude; pelo que os principiantes he bem se exercitem mais na imaginária, como mais accommodada ao sensível, de que elles estão ainda pouco apartados.

230 Com o exercicio da presença de Deos se parecem muito os tres modos de oração a que chamão de *Recolhimento*, de *Quiete*, ou *Descanço*, e de *Fé*, porque em todas se exercita algum dos dous modos da presença de Deos, ou ellas são o modo de a praticar; por isso aqui daremos húa breve noticia destes tres modos de oração, quanto ao activo, que só he deste lugar; e do passivo em outro se dirá. He pois a oração de recolhimento hum modo de se recolher a creatura ao seu interior considerando a Deos em sua alma, e coração, tratando a hi, e conversando com elle. Este recolhimento he de dous modos; hum geral, que convem a todo o gráo de oração, porque toda se chama recolhimento; outro particular, que he o de que aqui se trata, o qual consiste em se pôr a creatura em oração com os olhos fechados considerando a Deos, como Deos, ou a Jesus Christo como Deos, e homem interiormente em sua alma, e coração, e ahi tratar com elle, ahi o respeitar, adorar, e lhe dizer mil affectos.

231 Para o que he de saber, que a nossa alma, como creada á imagem, e similhaça de Deos, he tão nobre, tão digna, e tão estimavel, que he mais propria habitação de Deos, do que o mesmo Empyreo aonde elle constituiu o seu throno, e assento; que por isso elle disse que o Reyno de Deos está dentro de nós: e se a alma está em graça, gosta Deos mais de estar nella, do que naquell-

le throno, em que o cercão innumeraveis Serafins, como elle mesmo declarou quando disse que as suas delicias são estar com os filhos dos homens: e por isso mesmo elle fez a nossa alma, e coração com hũa amplitude, e capacidade tão grande, e tão infaciavel nos seus desejos, que nada o enche, nada o satisfaz, se não o mesmo Deos.

232 Considerando pois isto a creatura, e firmando-se na fé de que, ainda que não seja por este modo especial, não póde deixar Deos de estar interiormente penetrado com a substancia de sua alma, e coração, não necessita de o ir buscar ao Ceo, ou aos templos para lhe fallar, e lhe apresentar os memoriaes da sua necessidade; de casa o tem, e tanto de casa, como em si mesma; recolha-se com elle no seu interior, e ahi lhe falle, ahi o adore, e respeite, e conheça a summa bondade, e amor, com que primeiro a veio buscar do que ella a elle. Da mesma fórte se póde considerar interiormente a Jesus Christo em algũa das sagradas imagens, ou mysterios de sua vida, e Payxão, e ahi ter com elle humildes, e amigaveis colloquios. Este modo de oração he que se chama recolhimento adquirido, porque póde cada hum te-lo quando quizer; e póde ser em meditação, ou contemplação, ou em hũa, e outra.

233 Esta oração de recolhimento aconselha muito S. Theresa, e lhe faz huns grandes elogios, confessando dever-lhe muito proveito nos seus principios; estas são as suas palavras: (*Vida c. 4.*) „ Procurava o mais que podia „ trazer a Jesus Christo nosso bem, e Senhor dentro de „ mim presente, e este era o meu modo de oração. E no „ capitulo ultimo de sua vida o pondera bem, e dá a razão „ dizendo: „ Ensinar-se a considerar ao Senhor no muito „ interior de sua alma he consideração, que mais se apega, e muito mais fructuosa, do que fóra de si, (como „ outras vezes tenho dito) e em alguns livros de oração „ está escripto aonde se ha de buscar a Deos: em especial o diz o glorioso Santo Agostinho, que nem nas „ praças, nem nos contentamentos, nem por nenhũa „ parte, que o buscava o achava como dentro de si „ E

„ E isto he mui claro, ser o melhor: • não he necessa-  
 „ rio ir ao Ceo, nem mais longe que a nós mesmos, por-  
 „ que he cansar o espirito, e distrahir a alma, e não com  
 tanto fructo.

234 A oração de quiete, ou descanso adquirido he já  
 de contemplação; porque nesta he aonde se soslegão as  
 potencias: ou para melhor dizer a contemplação he que  
 he oração de quiete; porque he aquelle acto simplez  
 de noticia geral, e amorosa, em que a alma se está go-  
 zando descansadamente com Deos sem o desallosego, e tra-  
 balho, que tem as potencias na meditação. Mas não se  
 segue daqui que na oração de quiete, ou contemplação  
 deixem as potencias de obrar; porque isso seria estarem  
 ociosas, e vazias de todo o acto, o que era erro dos he-  
 reges Alumbrados, e Quietistas; mas sempre hão de estar  
 occupados nos seus respectivos actos, principalmente o  
 entendimento em viva fé, e a vontade em suave, e amo-  
 roso gozo. Tambem se deve evitar outro modo de quiete  
 natural, que provém, ou do humor melancolico, ou  
 de húa natural froxidão, e ociosidade, em que algúas al-  
 mas se põem como palmadas sem pensar em nada, nem  
 occupar a vontade em algum acto; feitas bobos, e gas-  
 tando o tempo sem fructo, nem proveito; ficando seccas,  
 frias, e sem devoção, como adverte, e reprehende S. The-  
 resa, (*Morad. 4. c. 3.*) e S. João da Cruz. (*Subida l. 2. c. 13.*)

235 A Oração de fé adquirida tambem não differe da  
 contemplação, e he aquelle acto fixo, e simplez de noti-  
 cia geral, e amatoria, que formamos de Deos como Deos  
 sem particulares ideas firmados meramente nos principios  
 da fé, que ainda que he obscura, he certissima, e tan-  
 to mais certa, quanto mais verdadeiro, e infalivel he o  
 principio, em que se funda, qual he a revelação, e pa-  
 lavra do mesmo Deos, que não faltará ainda que fal-  
 te o Ceo, e a terra; e por isso he mais meritoria essa fé,  
 pela confiança, e firmeza, que com ella se faz na divi-  
 na verdade, e pela negação, que fazemos da nossa razão,  
 e discursos, crendo os mysterios independente de outro  
 fundamento mais que a divina revelação: e quanto mais

nos firmarmos só nesta razão, e nos evacuarmos de todas as mais, tanto a fe he mais firme, e mais pura, e esta he que se chama *Fé Pura*, ou *Simplex*; isto he não misturada com os nossos naturaes conhecimentos.

236 Esta contemplação de fé se representa na quelle comercio familiar, que teve Moyzès com Deos no alto do monte Sinai, aonde o Senhor o mandou subir só, sem companhia de ninguem; e logo cobrio o monte de húa escura nuvem, do meio da qual o mesmo Deos lhe fallava, e elle com Deos sem o ver. Subio Moyzès só, porque na contemplação não ha de estar o entendimento acompanhado de especies, ou representações imaginárias. Cerrou-se a escura névoa, porque não hão de haver outras luzes, ou razões naturaes mais que a escuridade da fé, do meio da qual falla Deos como fallou a Moyzès: *Vocavit eum de medio caliginis.* (*Exod. 24.*) O mesmo succedeu quando Salomão dedicou o templo a Deos, que se encheu todo de húa escura nevoa, no meio da qual disse o mesmo Senhor que elle estava: *Dominus dixit ut habitaret in nebula.* (*3. Reg. c. 8.*)

237 Com esta escuridade da fé, he que Deos illumina a sua Igreja, e no meio da qual elle habita, e donde falla, e se communica ás almas, que ahi se deixão estar lós, e ahi o buscão: e chama-se obscura por se fundar em dito, e testemunho alheio, e não em conhecimento natural do homem: porém como o testemunho he de Deos, que falla com infinita sabedoria, fidelidade, e verdade, he tão certa, e tão infalivel esta noticia como a sabedoria de Deos: e assim o conhecimento, que temos pela fé, he mais certo, e mais infalivel, do que quantos conhecimentos naturaes podemos ter nesta vida; e este he o modo de oração, a que os Mysticos chamão contemplação de Deos em trevas, ou em escuridade: *Contemplatio Dei in caligine.* A esta escuridade da fé chama S. João da Cruz *Noite Escura*; porque nos deixa ás escuras de todo o conhecimento natural tanto da imaginativa, como do entendimento; mas com tudo esta noite he a que nos illumina, e clarifica o entendimento; porque he noite luzida,

zida, e são trevas resplandecentes; o que prova o mesmo S. Doutor com aquelle lugar do Salmista: *Et nox illuminatio mea in deliciis meis.* ( *Pf. 138.* ) E com aquella nuvem tenebrosa, que illuminava a noite aos Israelitas. *Erat nubes tenebrosa, & illuminans noctem.* ( *Exod. 14.* )

138 Este modo de contemplação o póde qualquer exercitar quando quizer com os auxilios ordinarios da graça, que por isso se chama contemplação adquirida, porque supposta a fé, póde não usar de conhecimento natural imaginario, ou intellectual, e firmar-se só na da fé, fazendo com ella os seus actos, e ficando só na noticia geral, escura, e amatoria, em que consiste o acto de contemplar: porém nos principios só poderá fazer hum, ou outro acto pelo pouco uso de recolher as potencias, e sentidos; mas depois que por algum tempo se tiver exercitado na meditação, e pelo seu exercicio tiver adquirido hábito de meditar, e de recolher as potencias, já poderá contemplar com sossego, e applicação suave. Assim se contempla sem fadiga, e com certeza, e segurança da verdade; mas procure a alma sempre na contemplação dar a maior, e melhor parte á vontade, que he a que principalmente fabrica o mel nesta interior officina de espirituaes docuras com os affectos, e actos das virtudes, que ali sempre se hão de exercitar, principalmente a fé, esperança, e caridade.

239 Póde ser de grande utilidade, e instrucção para os contemplativos a Doutrina do veneravel Gerson, que diz assim: ( *Opusc. Concil. 9.* ) „ Por mais de quarenta annos trabalhei; e fuei estudando muito, lendo, orando, meditando em muitas, e quietas horas de oração; e com tudo isso nenhũa cousa achei mais proveitosa, e efficaz para alcançar a sabedoria Mystica, do que fazer-se o espirito aos pés de Deos como hum menino pobre, e ignorante, que está pedindo ás portas da divina Sabedoria, e misericordia, donde a mendiguez espiritual tem o primeiro lugar na singileza da fé. Não he menos recomendavel a instrucção, com que S. Francisco de Sales approva, e persuade esta contemplação de fé

fé a húa sua filha espiritual; estas são as suas palavras:  
 „ Mui amada filha, a vossa maneira de oração he boa.  
 „ Sede mui fiel em perseverar junto a Deos nessa doce,  
 „ e tranquilla attenção de coração, e nesse suave ador-  
 „ mecimento entre os braços da sua providencia, e nes-  
 „ se brando consentimento da sua santa vontade; porque  
 „ isso lhe he agradavel. Guardai-vos de fazer vehemen-  
 „ tes applicações do entendimento; pois vos fazem dam-  
 „ no não só no mais, mas na mesma oração; e traba-  
 „ lhai á cerca do vosso amado objecto com os affectos  
 „ o mais simplez, e suavemente que poderes. (*Veja-se o*  
*n. 140.*)

240 Parece-me concluir com o seguinte exemplo, que explica palpavelmente o modo de contemplar. Se hum homemzinho rustico, que desejasse muito ver o rey, fosse admittido á sua presença, ficaria absorto, e admirado de o ver tão magestoso, tão agradavel, formoso, benigno, tão adornado de galas, e pedras preciosas, e lhe conceberia por isso hum grande amor, e por ver que he o seu rey, que o admittio á sua presença, e que o olha com benignidade, e amor; e ainda que por então lhe não falle, nem o rey com elle, gosta de estar ali na sua presença; e ainda que confuso, e envergonhado por se ver indigno dessa honra, o estima por grande merce; e cheio de respeito, reverencia, e agradecimento interior ali está gozoso vendo-o, e amando-o, e ali estaria muito tempo assim, ainda que nunca lhe fallasse. Forme tambem assim o contemplativo a presença de Deos naquella noticia Geral, e conceito de Deos como Deos, sem lhe fingir imagem, nem figura, se não que sabe que he immenso, magestoso, benigno, e amavel, e posto assim na sua presença dentro d'elle, como dentro do ar que não vê, mas sabe que o cerca, deixe-se ali estar admirado, confuso, humilhado, agradecido, e com amor interno, e inclinação affectiva, ainda que não falle com Deos, nem Deos com elle, se não estando ali com este conhecimento affectivo, que isto he contemplação verdadeira.

## CAPITULO XI.

## Da Purgação Activa do espirito.

241 **O** Grande, e illuminado Mestre do espirito S. João da Cruz, cujas admiraveis obras cheias de celestial sabedoria tem por objecto as disposições activas, e passivas, proximas, e remotas d'alma para a divina união, ás quaes disposições chama noites escuras activas, e passivas do sentido, e do espirito conforme as porções, que nellas se purgão, e o modo de as purgar ou activamente por diligencia da creatura, ou passivamente por obra, e favor do mesmo Deos, antes de tratar das disposições, ou noites escuras, ou purgações passivas do sentido, e do espirito (como faz nos dous livros da sua Noite Escura) primeiro ensina á creatura a dispor-se activamente com as purgações activas do sentido, e do espirito (a que tambem chama noites escuras) em trez livros, que intitidou *Subida do Monte Carmelo*: e depois de tratar no primeiro da purgação, ou noite escura activa do sentido segundo as potencias materiaes, appetites, e sentidos, que he o de que temos tratado athéqui, passa no segundo, e terceiro a tratar da noite escura, ou purgação activa do espirito; isto he do modo com que a alma se ha de dispor, e purificar activamente segundo as potencias espirituas memoria, entendimento, e vontade, evacuando-as de toda a superfluidade, e imperfeição dos seus actos, para não terem embaraço de entrar na noite escura do sentido, ou contemplação infusa, em que a alma deve estar bem purgada, quanto poder da sua parte para tratar mais intimamente com Deos quando elle nella quer obrar sobrenaturalmente.

242 Por isso póde fazer duvida se esta purgação activa do espirito se faz ainda no estado de principiantes, ou já no de aproveitados? mas o certo he que ou nella acaba o primeiro, ou por ella principia o segundo, ou tudo; porque como he disposição proxima para a purgação

ção passiva do sentido, que se faz nos principios do estado de aproveitados, e para entrar no estado de contemplação infusa, que he este mesmo, deve preceder immediatamente o dito estado, e purgação: e por isso a pomos aqui no fim do de principiantes, para que nada medeê entre ella, e o principio do de aproveitados, no caso que a este pertença.

243 He pois esta *Purgação Activa do espirito* hum modo, com que a creatura por sua propria diligencia deve cuidar em alimpar, e purificar a alma, e as suas potencias de algũas maculas, e imperfeições, que nellas deixou ainda aquelle comercio, e familiaridade, com que tratou com as potencias materiaes, e appetites sensitivos; para o que he de saber que assim como o sensitivo pela repetição dos actos viciosos adquire habitos máos, de que necessita purgar-se, assim o racional, ou espirito pelo consentimento, que tem dado aos insultos, e actos do appetite, tem manchado a pureza de suas potencias memoria, entendimento, e vontade com actos contrarios á razão, dos quaes resultarão nas ditas potencias habitos viciosos, e menos rectos, muito semelhantes aos do appetite, os quaes communicão ás potencias hũa imperfeição, que ainda que já não he tão grande, nem tão culpavel quando já se tem purgado o appetite, com tudo indispoê muito a alma para entrar *in divinam caliginem*, ou noite escura da contemplação infusa, que dispoem para a intima união com o amado; por isso se deve primeiro purgar como o appetite de todas essas maculas, e imperfeições.

244 Deve pois a memoria, e entendimento não admittir lembranças, apprehensões, juizos, ou discursos a respeito daquelles objectos, que lhe servirão de ruina no tempo da vida imperfeita; de sorte, que estejam tão advertidas, e promptas estas potencias para sacudir de si qualquer acto destes, que possa ser perigoso, como a mão para lançar fóra a braza, que lhe salta. Devem estas potencias andar tão occupadas na frequencia de actos, idéas, e cogitações santas, que esta virtuosa applicação as em-  
bara.

barace para qualquer acto ocioso , que as quizer divertir ; assim como faz hũa pessoa de respeito , quando por muito occupada com negocios de summa importancia não quer , ou não póde dar entrada a visitas superfluas , e impertinentes , que a distráhão.

245 Além disto devem tambem não admittir noticias , ou discursos ociosos , e indifferentes ainda em materias não perigosas , como seião desnecessarias , e pouco conducentes para a paz , e nudez , que devem conservar , quaes são novidades desnecessarias , sciencias curiosas , lição de livros divertidos , e outras semelhantes ; porque ainda que estas algũas vezes não são de perigo , são com tudo grande embaraço nas potencias para o vazio , em que devem estar de noticias estranhas , para que as occupe a simplez , e pura de Deos em que se devem empregar no soslego da santa contemplação. E assim como a alma não póde unir-se affectivamente com Deos , em quanto não estiver livre de todo o affecto ocioso ao mundo , ( porque servir a dous senhores he impossivel ) assim as potencias , que tambem com elle se hão de unir com a alma , não o poderão conseguir , nem ainda parcialmente na contemplação , em quanto conservarem algũa noticia ociosa do mundo , que são todas as curiosas , e desnecessarias : e neste sentido he que se entende a sentença do Apostolo , *que não devemos saber mais do que he conveniente , mas saber o necessario.* ( Rom. 12. )

246 Deve tambem a memoria , e entendimento para entrar na contemplação das cousas divinas esquecer-se de todas as imagens mendigadas da imaginação , e de todos os discursos a respeito dellas ; e entrando só pela escuridade da fé se ponhão as potencias naquella noticia simplez , geral , e confusa de Deos *puro , puro* , ( como dizem ) em que dissemos consiste o acto da contemplação. Mas advirto que esta abstracção de imagens , e discursos se deve entender só no acto da contemplação , e não nos que o precedem como disposição para elle ; que antes ellas ajudão muito as potencias como limitadas , e fracas , para mendigarem conhecimento , e conceitos de Deos pe-

las creaturas, quando lhes não basta a luz da fé; pois como diz S. Paulo: (*Rom. 1.*) *As cousas invisiveis de Deos, e a sua sempiterna virtude, e divindade percebemo-las pelo conhecimento das cousas creadas.* E só então he que se hão de deixar as imagens, e discursos quando já se não poder discorrer, ou meditar a respeito dellas, como logo se dirá.

247 Assim podemos ao principio figurar a Deos como hum grande Senhor sentado em hum throno excelso, e elevado entre duas ordens de abrazados Serafins, todo cheio de gloria, e magestade infinitamente perfeito, e daqui prescindir destas imagens, e noticias particulares, e passar a contempla-lo em noticia geral, e simplez da Divindade, e grandeza da magestade; que assim o vio Isaiás quando estava na contemplação mais alta do mesmo Deos. (*Isai. c. 6.*) Que contemplação mais alta que a de S. Agostinho? e começou pela vista de hum jardim; daqui passou aos bosques; daqui ao ar, ás estrellas, ao sol, daqui ao Ceo Empyreo; e daqui parou no silencio summo da contemplação, de que goza finalmente a alma quieta em Deos, como em seu centro. (*Confes. L. 9. c. 10.*) Comece-se pois a oração pelas imagens, e discursos; mas detendo-se nellas só o necessario para adquirir a noticia, e conhecimento do imaginado, que he o objecto, que ellas representam, faça a alma a respeito deste os discursos parciaes, que forem necessarios, e possão concorrer para adquirir húa noticia geral da verdade, ou mysterio, a que pertencem, e fique-se nesta, deixando á parte as imagens, e discursos, como já não necessarios para o fim, para que se servia delles; e isto he contemplar sem imagens, mas por meio, e auxilio dellas, como está dito.

248 S. João da Cruz aponta tres finaes por onde a alma póde ponhecer que deve deixar as imagens, e discursos, formas, e figuras, e são os seguintes. (*Subida L. 2. c. 13.*) „ O primeiro he ver que já não póde meditar, nem obrar com a imaginação, nem gosta disso, „ como dantes; antes acha já seccuras no que costumava fixar o sentido, e tirar çuco. Porém em quanto o  
 „ achar,

achar, e poder discorrer na meditação, não a ha de  
deixar, senão for quando a alma se pozer na paz, que  
se dirá no terceiro final. O segundo he quando lhe não  
dá gosto, nem vontade de pôr a dita imaginação, nem  
o sentido em outras cousas particulares exteriores, nem  
interiores. Não digo que não vá, e venha, (que esta  
ainda em muito recolhimento costuma andar solta) se  
não que não goste a alma de pô-la de proposito, em  
outras cousas. O terceiro, e mais certo he se a alma  
gosta de estar só com attenção amorosa a Deos sem  
particular consideração, em paz interior, e descanso,  
sem actos, nem exercicios das potencias memoria, en-  
tendimento, e vontade, ao menos discursivos, que he  
ir de hum em outro; senão só com a noticia, e ad-  
vertencia geral, e amorosa, que dizemos, sem parti-  
cular intelligencia.

249 Estes tres finaes (continúa o Santo) ha de ver  
em si juntos, pelo menos o espirital, para attrever-  
se seguramente a deixar o estado de meditação, e en-  
trar no de contemplação, e do espirito. E fallando a  
respeito do terceiro final diz, que he verdade com tu-  
do que aos principios que começa este estado, quasi  
não se conhece esta noticia amorosa por dois motivos:  
hum porque ao principio costuma ser mui sutil, deli-  
cada, e quasi insensível: outro, porque havendo esta-  
do a alma habituada no outro exercicio da meditação,  
que he mais sensível, não vê bem, nem quasi sente  
estoutra novidade insensível, que he já pura de espi-  
rito. Porém quanto mais se for habilitando, e deixan-  
do socegar, mais irá sempre crescendo nella, e sen-  
tindo mais aquella noticia amorosa, e geral de Deos,  
de que gosta ella mais que tudo; porque lhe causa  
paz, descanso, fabor, e deleite sem trabalho.

250 Advirto porém, que quando o Santo aqui diz  
que se ha de deixar o estado de meditação, e discurso  
para entrar no de contemplação, por estado de medita-  
ção, e discurso entende tambem o de contemplação acti-  
va, a qual como acima dissemos, (n. 215.) pouco diffe-

re da meditação ; e por isso o Santo Ihe não chama ainda rigorosamente contemplação ; pois só tem por tal propriamente a que he sobrenatural , e infusa , qual he esta noticia amorosa , e geral , de que falla nos sinaes acima referidos , pois a esta mesma no capitulo quatorze em varias partes chama noticia , e luz sobrenatural : e no capitulo quinze diz , que aos aproveitantes he que Deos começa a pôr nesta noticia sobrenatural de contemplação , de que tem fallado nos antecedentes. E o que entende por contemplação activa , he o que no capitulo quatorze chama ter em habito o espirito da meditação pela repetição de actos de noticias amorosas , como dissemos : ( n. 217. ) donde está claro , que esta purgação activa do espirito , e os tres sinaes acima referidos he tudo disposição immediata para o estado de contemplação infusa , ou para a purgação passiva do sentido , em que começa o estado de aproveitados , e o da dita contemplação infusa.

251 Deve tambem notar-se que a abstracção das imagens , formas , e figuras não se deve entender a respeito de Christo nosso Redemptor ; antes elle he imagem , que nunca se deve esquecer , e que devemos sempre trazer vivamente impressa em nosso coração , e as sagradas obras de sua vida , e Payxão são materia para a meditação , e contemplação mais subida em todas os estados da vida do espirito ; porque elle he o caminho , a verdade , e a vida ; he a porta , por onde se entra ao Pay ; e ninguem vai ao Pay senão por elle ; e quem entrar por esta porta será salvo , e achará o pasto espiritual da alma ; e quem o vê a elle vê ao Pay ; porque elle está no Pay , e o Pay nelle ; e se o conhecermos a elle , conheceremos ao Pay. ( Joao. 10. & 14. ) E assim este Divino composto não he embaraço , antes ajuda tanto para a meditação , como para a contemplação : mas he bem que não nos detenhamos só na humanidade , senão que conhecendo-o como Deos , e homem juntamente , nelle respeitamos toda a plenidão da Divindade , que nelle se acha como no Pay , e no Espirito Santo , e que estas mesmas pessoas

foas nelle, e com elle estão, por communicacão divina. Assim o meu Serafico Patriarcha, quando se lhe imprimião as chagas, estava na contemplação mais subida, e a sua materia erão as afrontas da Cruz, e o que nella sofreu o Redemptor. Sirva de exemplo o modo de contemplar, que fica dito. (n. 142. e 240.)

252 O mesmo se deve dizer de Maria Santissima, e dos mais Santos, que tambem as suas fórmãs, e imagens internas não embaracão a contemplação; com tanto que o entendimento se não demore no que he exterior, e material, que se póde perceber pelos sentidos externos, ou internos; senão que passando a considera-los huns espiritos ditosos, cheios de felicidades eternas, transformados em gloria á face do mesmo Deos, vendo-o como elle he, não já por espelho, ou em enigmas, mas intuitivamente face a face, transfigurados na gloria do seu rosto, feitos huns como Deoses com elle, ali contemplemos as maravilhas da graça, as grandezas da Gloria, as felicidades dos Justos, a abundancia das misericordias divinas, e a enchente de delicias, e regalos, que inunda a Santa Cidade de Deos, e de que estão gozando, e gozarão aquelles felizes espiritos por eternidades de seculos.

253 Tambem as noticias, ainda espirituaes, e sobrenaturaes, como visões, revelações, fallas, e outras semelhantes, que Deos muitas vezes communica ás almas adiantadas, e ainda algúas ás principiantes por fins só a elle manifestos, podem servir de embaraco para a contemplação, e união divina; por isso só a memoria, e entendimento devem dellas conservar a substancia, e esquecer o accidente: quero dizer, aproveitar-se da unção, e bons movimentos, que conduzem para o fim, que Deos nellas se propôs, e desprezar o modo, a formosura, a imagem, o gozo, o júbilo, a suavidade, que nella percebeu, ou sentio o sensitivo, ou ainda o mesmo espirito; assim como da noz só se aproveita a medúla, e se faz pouco caso da casca. Desta materia se fallará mais largamente em seu lugar.

254 Assim como a memoria, e entendimento das noticias

tici-

ticias, assim a vontade se deve purgar dos affectos; primeiro de todos aquelles, e a respeito daquelles objectos, que o forão de desagradados do Senhor; occupando-se de tal sorte nos actos de amor para com elle, que nella não possão ter entrada os affectos estranhos, pelo modo que dissemos a respeito das outras potencias. (n. 244.) Desta sorte deve a vontade não admittir affectos, ou apêgos do coração ás cousas da terra, ainda ás licitas; porque aindaque não sejam prohibidas, sempre o desordenado desejo, ou apêgo a ellas he ocioso, vão, superfluo, e faz dividir o coração, que o Senhor só para si creou, quer, e pede todo, e sem reserva; e assim tanto d'elle apêga a creatura á creatura tanto nega ao creador. Quem não for pobre do espirito, não está disposto para a contemplação, e união com o Senhor de tudo; e não he pobre quem tem, ou tem desejo de ter, pouco que seja; aonde está o thesouro, ali está tambem o coração; e não he thesouro o ter muito; he ter ambição, avareza, e propriedade na posse, ou no desejo do terreno: por isso he mais pobre, e mais disposto para a contemplação humilico desapegado do que tem, do que hum pobre ambicioso, e estimador do pouco que possue.

255 Deve tambem a vontade em todas as payxões, que o appetite tanto concupiscivel, como irascivel nella commoveu, haver-se com húa tal rectidão, que nem o concupiscivel a arraste ao amor, ou odio, gôzo, ou tristeza, desejo, ou fuga, que não só não sejam rectos, mas ainda que não sejam virtuosos, e dirigidos ao mesmo Deos; nem o irascivel a commova para esperança, ou desesperação, audacia, temor, ou ira, que não sejam rectificados com o fim honesto, e moral. E isto não só nas cousas terrenas, mas ainda nas do espirito, ou sejam naturaes, como devoções, exercicios, penitencias, &c., ou sobrenaturaes, como visões, revelações, fallas, &c. pois em nada disto, assim como no mais, se deve a vontade deixar attrahir do gôzo, affecto, desejo, ou dictame do proprio parecer; se não que seguindo o da direcção, e obediencia, não tenha outro apêgo, ou desejo mais que de  
fa-

fazer a vontade do Creador. Finalmente deve a vontade ter aquella união activa com a de Deos, que acima fica explicada, (a n. 208.) para se dispor para a santa contemplação, e união infusa com o mesmo Deos.

## CAPITULO XII.

*Dos exercicios proprios da via purgativa, ou estado de principiantes, e da ordem, e modo, que deve observar o Director em os prescrever.*

256 **D**Epois de tratar tudo o que pertence ao estado de principiantes, como fizemos athe agora, aindaque em resumo, he justo que demos aqui hũa breve instrucção da qualidade dos exercicios, que lhe são proprios, e da ordem, e modo que devem ter os Directores, não só em os prescrever ás almas fugeitas á sua direcção, mas tambem em tratar, e communicar com as mesmas. Primeiramente deve advertir o Director, que quando recebe hũa alma debaixo da sua conducta, faz com ella, e com Deos hum implicito contrato de não perdoar a diligencia, e de sollicitar todos os meios de a fazer subir ao mais elevado gráo de perfeição, que lhe for possivel; e que toma sobre si hũa nova obrigação de se fazer responsavel a Deos de toda a omisão, que nifso tiver, e de toda a que por ella tiver a alma no serviço de Deos.

257 Por isso não deve acceitar na sua direcção senão aquellas, que segundo o seu talento, tempo, ou ministerios poder cõmodamente dirigir sem lhes faltar com o necessario, nem lhes conceder o superfluo, que de hũa, e outra cousa ha de ser o Senhor juiz terrivel; assim como o ha de ser da omisão, que tiverem os ministros sagrados em se fugeitarem a este exercicio de caridade tão proprio do seu ministerio, e que tanto o Senhor delles espera como sacerdotes do Altissimo, substitutos de Jesus Christo, herdeiros do seu zelo, e caridade, depositarios do fructo da Redempção, e dos talentos, que lhes

lhes entregou, de cuja negociação, e lucro lhes ha de tirar conta quando vier. Veja-se o Prologo. (*an. 3.*)

258 Não deve com tudo rogar-se o Director, porque perderá nullo a estimação; excepto se vir algũa creatura em máo estado, e tiver esperanças de que offerecendo-se a dirigi-la a apartará dos laços da culpa, que então pede a caridade se lhe facilite a entrada á casa do Senhor, e que os seus ministros solicitem trazer a ella, e ao gremio santo as ovelhas perdidas, principalmente sendo os seus proprios pastores, que estes não só devem offerecer a sua conducta ás desgarradas, mas tambem a todas as que Deos encarregou ao seu cuidado; e não devem negar-se a nenhũa, antes facilitar-se a todas com promptidão, e benignidade de Pay; pois de justiça as devem conduzir para Deos, saber a sciencia de bem pastorear, ministrar-lhes o pasto saudavel, mostrar-lhes os caminhos da salvação, e reduzi-las a elles quando desgarrarem, aindaque lhes custe trabalhos, e suores, ainda que lhes seja necessario gemer com o seu peso para as trazer ao gremio do Senhor, que para isso ellas os sustentão. Grande Deos, que durissimo juizo haveis de fazer aos pastores de Israel! Veja-se o Prologo a este respeito. (*an. 15.*)

259 Quando pois algũa alma se pertende fugeitar aos seus dictames, não a deve logo acceitar o Director; mas differindo por algum tempo o seu assento, lhe aconselhe que consulte com Deos este negocio, e elle mesmo o consulte, fazendo emtanto diligentes exames, provas, e experiencias para ver se ella vem com verdadeiro, e sincero desejo da virtude, de dar de mão aos descaminhos, e seguir os passos de Jesus Christo: em hũa palavra; se vem verdadeiramente convertida; e sendo assim a acceitará benignamente, e a animará a profeguir em tão acertado projecto, promettendo ajuda-la com o seu cuidado, e diligencia. Mas se vir que não he totalmente sincero o seu desejo, se não que intenta andar com hum pé na terra, outro no mar; compôr com Deos, e com o mundo; concordar a vida do espirito com a satisfação das suas

suas payxões; em húa palavra, servir a dous senhores, defengane-a com santa resolução de que não póde seguir o partido de Deos, e o de Baal; que são contrarios Deos, e o mundo; e para servir áquelle ha de renunciar a este totalmente; e se não quizer, não gaste com ella o tempo, que pódde aproveitar com outras mais penetradas do bom zelo, e temor santo.

260. Mas se as inclinações, que não quer demittir ao principio, não forem absolutamente perigosas, mas só de algũa ociosidade, ou vaidade, como caça, jogos sem muito excessso, vestidos ricos, e outras semelhantes, haja-se com ella o Director humanamente; sofra-a assim ao principio, esperando pela sua boa diligencia, e boas doutrinas, que com brandura, e suavidade como o Sol ao viajante, pouco a pouco lhe irá introduzindo o calor divino, que a faça despir das superfluidades, que a carregão, e lhe dará luz para conhecer a pouca harmonia, que fazem estas cousas com a vida do espirito; com o que deixará gostosa, e voluntaria o que lhe repugnava ao principio. Se porém vir que depois de algum tempo de exercicios, e instrucções as vaidades, e ociosidades se não diminuem; e a creatura conserva a mesma tenacidade, e apêgo, (e muito mais se vir que se augmentão) defengane-a com santa liberdade, e se as não quizer deixar, deixe-a elle.

261. Certificado porém de que a alma vem tocada do espirito do Senhor, a receberá, e animará benignamente, dispondo-a para huma confissão geral de toda a vida, ou do tempo, que lhe parecer necessario, a qual deve fazer com elle mesmo, ou dar-lhe húa fiel relação das inclinações, e progressos da sua vida, tendo-se já confessado com outro geralmente, para ter hum cabal conhecimento das necessidades, e perigos, a que deve occorrer. O mesmo exame deve fazer áquellas almas, que o vem procurar depois de terem tido outro Director, e seguido a vida do espirito algum tempo para saber o progresso, que tem feito na virtude, o estado em que estão, e os exercicios, em que as deve continuar; pois as não deve

deve tornar ao principio , mas ajuda-las a hir adiante naquelle , em que se acharem. Tambem deve advertir logo ao principiante ; que entrar no caminho do espirito ñe entrar em contenda com os inimigos , que intentão cortar-lhe o passo , como succedeu ao povo de Deos no da terra da promissão , figura do espirito , que nunca embainhárão a espada , nem lhes faltárão inimigos que vencer , e monstros ferozes , que os intimidavão ; mas anime-o como o Sacerdote de Israel alentava aquelle timido povo. *Vos hodie contra inimicos vestros pugnam committitis , non pertimescat cor vestrum , nolite metuere , nolite cedere , nec formidetis eos : quia Dominus Deus vester in medio vestri est , & pro vobis contra adversarios vestros dimicabit , ut eruat vos a malo. ( Deuter. 20. )*

262 „ Vós , alma , entraes em húa contenda terrivel ;  
 „ os inimigos se vos hão de oppôr com furia implaca-  
 „ vel ; a carne queixosa por lhe negares a posse em que  
 „ estava da latisfação dos seus appetites , os exaltará com  
 „ força , e pertenderá restituir-se á sua posse ; o mundo  
 „ vendo que se lhe rebella hum partidista , sollicitará to-  
 „ dos os meios para vos tornar a conduzir ao seu co-  
 „ mercio , já com murmurações , mofas , e escarneos , já  
 „ com persuasões declaradas , e principalmente intimidan-  
 „ do-vos com a vergonha , e com o temor daquelle fe-  
 „ ro monstro : *Que dirão* , que aindaque só tem fealdade  
 „ aparente , e só póde fazer mal a quem lhe fugir ,  
 „ e o temer , tem feito estrago em hum sem numero de  
 „ almas pusflanimes ; e o demonio , ainda que fraco , rai-  
 „ voso de que lhe fugisse a presa , aliado com o mundo ,  
 „ e com a carne não cessará da contenda , por mais que  
 „ fique vencido , e se contentará com húa victoria , ainda  
 „ que tenha perdido hum cento : mas não se defanime  
 „ o vosso coração , não temais , nem vos auste a furia  
 „ dos inimigos , que junto de vós , com vosco , e mesmo  
 „ dentro de vós está o Deos dos exercitos ; elle peleja-  
 „ rá as vossas batalhas ; elle vos vencerá os contrarios ,  
 „ para vos livrar dos perigos. Armai-vos com o escu-  
 „ dô da fé , e confiança em Deos , e com hum *Não de-*  
 „ far-

„farmareis de hum golpe todos os poderes adverbos.

263 As armas mais poderosas, de que a deve armar, são as da fanta oração; e se nella perseverar, em breve tempo se verá triunfante de todos os contrarios. Nos primeiros principios lhe deve aconselhar meditações, que a fação penetrar de dor das culpas, e firmar em propósitos de emenda. Taes são as dos novissimos, da Eternidade, da graveza do peccado, das miserias, e brevidade da vida, do conhecimento da sua propria vileza, e algúas vezes da Vida, e Payxão de Jesus Christo; mas deduzindo sempre dellas motivos de arrependimento das culpas, considerando que as suas, como se não houvera outras nenhúas, forão a causa dos trabalhos, e penas do Salvador, e que por seu amor as sofreu, como se não houvera mais almas que remir, e ainda pela sua as padeceria de novo muitas vezes, se fosse necessario, para a salvar; e de facto de novo as padeceu quantas vezes ella peccou, pois outras tantas o crucificou de novo: *Ite-rum crucifigentes.*

• 264 Nos principios não a fatigue com prolixas meditações, paraque não se cance o espirito pouco afeito á violencia. Regularmente bastará meia hora de manhã, e meia á noite, ou hum quarto, se vir que ainda meia hora a afflige. Ensine-lhe o modo de meditar, que em seu lugar fica posto. (*an. 123.*) Se se vir arida, e defabrida, e que nada póde attingir, faça o que ahi se ensina, ou se ponha diante de hum Crucifixo, ou o represente na idéa, e o vá resistando de vagar com os olhos, ou imaginação húa, e muitas vezes, vendo as feridas, roturas, e estragos que fizerão os tormentos em cada húa das partes daquelle Divino composto, e faça por mover o coração a algum affecto de compaixão, e ternura, e não perderá o tempo. Outras vezes se póde abraçar com a mesma imagem sagrada applicando a bôca com demora aos sagrados pes, ou divino lado, e espere confiadamente que lhe virá o fervor do espirito desta officina do amor.

265 Exorte-a á penitencia, e maceração da carne pa-  
ra

ra inteira expiação do peccado , mas que nada faça sem o prudente dictame da obediencia , a qual nisto , e em tudo o mais deve seguir sem renitencia , para não errar, e para serem meritorios os exercicios ; certificando-se que mais merece quando os não faz, porque a obediencia lhos não permite , do que se então os fizesse. Esta penitencia lhe deve prescrever o Director conforme as suas forças, e alguma cousa menos , attendendo sempre ás culpas , que tem para expiar , e ao fervor com que a appeteece , por não fazer logo tão defabrido o caminho santo , e não intimidar com as suas asperezas as pusilanimos ; advertindo porém , que nestes principios costumão as almas ter grandes desejos de penitencias , cuidando erradamente que no seu augmento consiste o adiantamento na virtude com cujos imprudentes desejos não deve condescender o Director , mas conter-lhos nos limites de hũa prudente mediação , persuadindo-a de que não está o ponto da perfeição nas mortificações do corpo , se não nas do amor proprio , e payções , e pratica das virtudes , que este he o fim para que ajudão as penitencias , e por isso só se devem tomar como meio para a mortificação principal.

266 Não deve com tudo abandonar tanto os santos rigores da penitencia , que os tenha em tão pouco como os partidistas do mundo , que só conhecem a penitencia pelo nome , e cuidão que para satisfazer , e escapar a severa comminação do Salvador de que , *Se não fizermos penitencia pereceremos*, ( *Luc. 13.* ) basta o sacramento da reconciliação com hũas poucas de orações , que nelle se impõem por penitencia , e que dar em si só he officio de loucos : assim o tenho ouvido a alguns , e a alguns ministros da Igreja , e a hum , que lhe comia os fructos : grande Deos , que pastor ! Proposição , que se não he heretica , he he mui proxima ; e não deixa de ser erronea , impia , temeraria , blasfema , e offensiva dos piedosos ouvidos ; pois tem por loucos a hum S. Paulo , que diz , que castigava seu corpo para o reduzir á servidão : hum S. Francisco meu Padre : hum S. Pedro de Alcantra , e outros sagrados monstros de penitencia , que erão huns feve-

feveros verdugos de si mesmos, castigando com santa crueldade em sua mesma innocencia os delictos, com que o mundo offendia ao Creador. Que abundantes exemplos nos não dão disto as sagradas Historias!

267 Outras almas tem grande contradicção ás maceações, temendo perder a saude, e que já morrem se fazem penitencia, e isto costuma ser tentação, como he o excessivo desejo de as fazer; por isso a nenhũa dellas deve attender o Director, fazendo-lhas vencer com prudencia. Tenha cuidado que as penitencias se não fação com excessivo rigor, ou numero, nem em circumstancias, e tempo que prejudiquem gravemente á saude; mas tambem que não seja nisto tão apurada a creatura, que com temor de qualquer leve incommodo, ou prejuizo (ou ainda que tema o grave, se he sem fundamento) se dispense dos santos rigores da penitencia; pois se esta não ha de mortificar, para que se faz? Quem assim for tão escrupuloso, e acautelado nas enfermidades do corpo, não o será muito nas da alma; e quem tiver bem amor a virtude, não terá tanto ao corpo, que o não queira prejudicar em algũa cousa: o que só he prohibido he o prejuizo grave conhecido; o leve he proprio da penitencia, que se não póde dar sem elle.

268 Não houve Santo, que não tratasse o corpo como hum rebelde, como hum cruel inimigo que he; os que tinham sido peccadores, vingavão-se nelle do mal que lhes causou; os que erão innocentes, com os rigores acautelavão a ruina; e huns, e outros o tratavão com austeridades rigorosas para lhe cortar os brios, e diminuir as forças contra o espirito, sem se lembrarem da saude, que he bem de ver se havia de prejudicar com os máos tratamentos. Não sei de Santo, nem de pessoa de virtude radical, que não padecesse achaques corporaes. Santa Thereza queixando-se da demasiada discrição, que nisto tem muitas almas, diz (*Vida c. 13.*) que he tentação do demonio, que as faz entender que tudo as ha de matar, e tirar a saude; e que aindaque ella era tão enferma, em quanto se não determinou a não fazer caso do corpo, nem

nem da faude , sempre esteve atada , e sem valer nada ; e que quando o demonio lhe punha diante o perder a faude , ou o descanso , dizia : pouco emporta que morra , já não necessito de descanso , senão de cruz.

269 Ao Director he que pertence prescrever as mortificações necessarias , e conformes ás forças , espirito , e estado da creatura , no que deve observar hum meio prudente. Regularmente ao principio bastará que em tres dias da semana tome deciplina por tempo em que se reze hũa estação , ou duas vezes o Salmo *Miserere* , mas rara vez , ou nunca com instrumento de ferro ; e que em outros tres aperte hum cilicio por tempo de duas horas ; mas rara vez na cintura , e nunca nas horas do chylo ; deixando-lhe o Domingo feriado de mortificações corporaes. Se tiver commodo , póde aconselhar-lhe o jejum da Sexta , e do Sabado , ou algum delles , e que nos mais dias se abstenha de manjares regalados , dislaboreando os de muito gosto com algũa mistura insípida , podendo faze-lo sem nota , e com disfarce , sendo muito cuidadosa nas mortificações pequenas , que o não são no merecimento , como não comer hum bocado que appetecia , engolir hum amargoso , não beber logo que desejava , não olhar para hũa parte que gostava , não dizer hũa palavra que quera , e outras semelhantes a estas , que cada hũa dellas feita pelo amor de Deos vale mais que o mundo todo.

270 A principal mortificação he a da vontade , e a dos sentidos internos , e externos ; a dos appetites , e payções principalmente da que nella for dominante , conforme ao que em seu lugar fica dito , (*an. 180.*) trabalhando sem cessar no seu vencimento , e em adquirir a virtude opposta á mesma payção , como se nada mais tivesse que vencer , adquirir , ou trabalhar , para o que se regulará pelo que no sobredito lugar se ensina. A lingua he fogo , e a universidade de todos os males ; (*Jacob 3.*) no muito fallar não faltará o peccado ; (*Prov. 10.*) he mais facil calar sempre , do que fallar sempre bem ; por isso deve o espiritual mortificar-se muito na lingua , e ter hũa

hũa grande guarda no silencio , principalmente hũa , ou duas horas cada dia , e nas mais antes decline para o diminuto , do que para o excessivo , que de toda a palavra ociosa ( que he o mesmo que superflua ) se ha de dar conta no dia do juizo. ( *Matb. 12.* )

271 He muito conveniente a frequencia dos sacramentos , que são as fontes do Salvador , donde se bebem com gosto as aguas da graça ; por isso se a creatura tiver commodidade , faça o Director que ao menos cada oito dias se confesse , e receba a sagrada Communhão ; e nos mais todos , podendo , assista ao tremendo sacrificio da Missa. Não a carregue muito de orações vocaes , nem lhas permitta ; que a sua multiplicidade as faz satisfazer com imperfeição ; esta he hũa tentação , e engano das almas , cuidarem que se não tem muitas devoções , muitas rezas não fazem vida perfeita ; a perfeição está no bem , e não no muito ; e muito , e bem não póde ser ; mais vale hum Padre nosso bem rezado , do que mil proferidos sem attenção. ( *Veja-se a n. 107.* ) Ordinariamente no principio bastará cada dia o Rosario , ou a Coroa da Senhora , a Via sacra podendo , a Novena das Almas , a Estação do Santissimo Sacramento , e poucas mais , mas todas com devoção , vagar , e attenção.

272 Pede a razão , e a prudencia que o Director regule os exercicios espirituacs segundo o estado da creatura , e conforme as obrigações publicas , ou domesticas , que tem a seu cargo. Assim aos filhos-familias , creados de servir , e molheres casadas não deve impor exercicios , que encontrem a boa harmonia das casas , o cumprimento das suas obrigações , a obediencia de seus pays , maridos , ou amos : advirta-lhes que he melhor a obediencia , que o sacrificio , e que mais merecem na paciencia , e fugeição da vontade , e em deixar hum exercicio porque lho contradiz o superior , do que em o fazer , e por isso motivar discordias , e rixas.

273 Mas advirta tambem aos superiores , ou advirtão elles , que serão responsaveis diante do Senhor dos senhores , se sem razão , mesmo por não gostarem da virtude,

tude , e com nimio apêgo aos bens caducos lhes impedirem sollicitar os eternos. Não entendão mal o que se diz , *que primeiro está a obrigação , que a devoção* ; pois a primeira , e principal obrigação dos Christãos he cuidar , e procurar primeiro o Reyno de Deos , e a salvação da sua alma , e a respeito desta obrigação mais se deve chamar devoção o trato , e o cuidado do mundo. A casa , e familia do nosso interior tem sentidos , potencias , e payxões , que são os domesticos , que primeiro devemos governar , do que os domesticos , e familia da casa exterior , e cuidar nesta descuidando-se daquella , he errar o fim , e o cuidado , e não encher a obrigação primeira , e principal. A alma tem mais necessidade de sustento , de vestido , e de riquezas do que o corpo , e quem só cuida neste , e não naquella , ou não adverte que a tem , ou se lhe não dá de a perder.

274 Se o superior for devoto , e dado á oração tudo regulará em boa ordem ; elle achará , e dará tempo para tudo ; mas se elle for só lembrado da ambição , esquecido de Deos , e de si , julgará perdido hum momento de oração , e tomára mais tempo para occupar , e fazer occupar nos negocios , e nos cuidados terrenos , e tudo será desordem em sua casa , tudo horror sempiterno. Aos que dizem , que boa oração faz quem cuida no governo da sua casa , em prover as necessidades dos seus domesticos , e ter conta com o que tem a seu cargo , e por isso nem cuidão em oração , nem em vida devota , reprehende S. Thereza dizendo : (*Carta 8.*) „ Que sua „ necessidade he a primeira , e de maior obrigação ; e a „ perfeita caridade começa por si mesmo. E que o pastor , para fazer bem seu officio , se deve pôr no lugar „ mais alto , donde veja bem o seu rebanho ; e este „ alto he o lugar da oração. E S. Bernardo diz : (*L. 1. „ de Confid. ad Eug.*) Malditas occupações , que attrahem „ todo o superior para si , e nada lhe deixão para a oração ; porque lhe farão duro o coração , e sem luz , calor , nem graça para o ministerio que occupa.

275 No trato , e familiaridade com os discipulos deve

ve o Director ser affavel sem demasia, benigno com inteireza, riguroso sem crueldade, compadecido com justiça, indulgente com rectidão, e em tudo dar-lhes a conhecer entranhas de Pay para os favorecer, e inteireza de Ministro para os castigar. Fuja a estreita communicação com as filhas espirituaes, aindaque sejam castas, e virtuosas, porque, como diz S. Agostinho, quanto ellas são mais fantas, tanto mais attrahem, e debaixo de brandas palavras se accende o fogo da concupiscencia. E por isso ainda que as instrucções dos Directores são uteis, quando são necessarias, podem ser perniciosas, quando são superfluas, e ainda que não tivessem outro mal, bastava o da superfluidade, e da perda do tempo para se dever evitar.

276 Porque algúas mulheres, ainda com bom fim, e por devoção frequentão os seus Directores mais do que he necessario com duvidas inuteis, e com que os detem, e querendo-lhes agradar, fazem mal a si, e a elles; o que se evitará se o Director as admoestar a que deixem practicas inuteis, e as instruir mais na praxe, do que na especulação das virtudes; pois da nimia familiaridade com ellas se origina o pouco respeito, ou o nimio affecto, que tudo he máo. Por isso assim como he necessario consultar o Director nas duvidas importantes da consciencia, assim he superfluo importuna-lo com futilidades escusadas, com o que a devoção póde passar a affecto do coração. Se a sábia prudencia achasse o meio de não faltar ao necessario, e evitar o superfluo, tinha conseguido o acertar; mas a haver de declinar para algum extremo, seja antes para o de diminuto, do que para o de excessivo.

277 Abstinha-se de toda a cubiça, e faça entender aos discipulos que imita ao Apostolo, que dizia: *Nolo vestra, sed vos.* E se se deixar arrastar de algum interesse, perderá o merecimento, e ouvirá da boca do Remunerador supremo: *Recepisti mercedem tuam.* Tenha santa ambição de ganhar almas para Deos, e merecimentos de caridade para si, e será inebriado da abundancia da

casa do Senhor. Mas tanto nisto, como no trato, e comunicação com as dirigidas não se deve portar tão defabrido, e desprezar tanto as leis da politica, que em lugar de edificar escandalize, e querendo ter a virtude da isenção, incorra no vicio da indiscrição, ou da soberba; que os Santos, e o mesmo S. Paulo, e ainda o mesmo Jesus Christo não se negavão á comunicação honesta, quando a caridade o pedia, e aceitavão o soccorro das suas necessidades como pobres, sem que Christo se lhe desse de ser murmurado de communicar com a Magdalena, e ir a sua casa, aceitar della os regalos, e obsequios. Obre com rectidão o Director, e se for murmurado como Christo, será glorificado como elle; que a murmurção he o pão dos justos, e quem o não gostar não o ferá.

278 Neste estado de purgação activa, em que se exercita a creatura na mortificação das payxões, e propria vontade, na dor das culpas, e santo temor de Deos deve tambem já praticar o uso das orações jaculatorias, que sejam proprias para mover á dor, e arrependimento, ou para attrahir as misericordias de Deos; taes são estas, ou semelhantes: *Miserere mei Deus secundum magnam misericordiam tuam. Tibi soli peccavi, & malum coram te feci. Bom Deos sede propicio para com este grande peccador. Senhor tende misericordia de mim.* Tambem se deve exercitar na presença de Deos, principalmente na imaginaria, como se disse, (*an. 227.*) e quando a não tenha continua, renove-a com a frequencia possivel. Se ouver relógio na terra, póde toma-lo por despertador para se lembrar de Deos naquella hora, e o póde julgar hum pregoeiro do Cco, que lhe clama: Já lá vai mais húa hora da tua vida; lembra-te do Deos que ta deu, e ta póde tirar na hora que se segue.

279 He muito recomendavel a frequencia de communhões espirituaes, e actos de amor de Deos; o silencio, e retiro das creaturas, principalmente das de differente sexo, e das do mesmo, que forem perigosas, e pouco exemplares: *Quia saepe corrumpunt bonos mores consortia mala;*

*mala*; mas isto não seja pelas desprezar a ellas, que antes as deve amar, e encomendar a Deos, mas por se acautelar a si. Todos os dias deve examinar a consciencia, ao menos á noite, do que tem aproveitado, ou delinquido nelle, se tem ou não cumprido os exercicios, e com que perfeição, ou imperfeição os satisfaz, para dar graças a Deos pelo bem que achar, referindo-o todo a elle como origem de todo o bem, e pedir-lhe perdão dos defeitos, que em si conhecer; e fará bem se no fim de cada mez, e de cada anno o fizer de todo elle, para ver o que tem aproveitado, para se reprehender da negligencia, e se afervorar com novos propositos: e se no fim do mez, e do anno se confessar geralmente das culpas de todo elle, será diligencia louvavel. He bem que todos os dias, tendo commodidade para isso, lea, ou ouça ler meia hora, ou hum quarto por algum livro conforme á meditação do seu estado: como a Diferença entre o temporal, e eterno; as meditações do P. Bernardes; o Retiro espiritual, e outros assim.

- 280 Este estado he todo de meditação, aindaque algumas vezes no fim desta he bem conclua com algum acto de contemplação, e já aqui he bem que pratique a oração de recolhimento activo, como dissemos, (*an. 230.*) que tambem pela maior parte he de meditação, e propria deste estado. Nelle deve o Director conservar a creatura mais, ou menos tempo segundo o aproveitamento, espirito, e diligencia que vê nella, e conforme as mais ou menos culpas, que tem que expiar, e a intensão dos actos de satisfação; de forte que só a tire d'elle quando a vir bastantemente mortificada, e que se vence com força, e presteza nas tentações, e tem praticado com fervor, e diligencia os exercicios da vida activa, e a meditação com fructo.

281 Mas não he necessario esperar que já de todo não sinta os movimentos das payxões, ou que não caia em alguns defeitos, que isto pelo tempo adiante se consegue; mas basta que a veja fervorosa, compungida, e prompta na diligencia de se vencer, e na pratica dos  
 exer-

exercícios santos com ancia de se adiantar na perfeição. Por isso póde succeder que hũa creatura, que teve vida muito escandalosa, possa depois da sua conversão passar mais depressa para a illuminação activa do que outra, que não tenha grandes peccados que expiar, se a primeira for fervorosa, e diligente, e a segunda tibia, e afferrada ao seu parecer; pois ordinariamente mais depressa se adianta na virtude hum peccador grande convertido, do que hum tibio sem culpas muito graves; porque o primeiro, como o publicano se confunde, e humilha com o conhecimento das suas maldades, e o segundo como o Fariseu se exalta com a satisfação de si.

282 Exercitada a creatura o tempo conveniente no exercicio de desarreigar os máos hábitos, a passará ao de plantar as virtudes, que he o da illuminação activa, como se disse, (*an.* 193.) o qual tambem he estado de meditação; mas já devem ser mais frequentes os actos de contemplação activa. A materia da meditação deve ser regularmente a Vida, e Payxão de Jesus Christo; mas não deixando algúas vezes de meditar na do estado antecedente para renovar a dor, e os bons propositos, e para conhecer a necessidade que tem das virtudes. A lição espiritual será por vidas de Santos, de Christo, de Maria Santissima, ou por livros que tratem da pratica das virtudes.

283 As jaculatorias feirão terminadas a pedir luz, graça, e virtudes a Deos, ou a Jesus Christo, que he o Mestre, e exemplar dellas, e a luz verdadeira, que illumina a todo o homem, e pódem ser estas ou outras semelhantes: *Deus meus, illumina tenebras meas. Vias tuas Domine demonstra mihi, & semitas tuas edoce me. Dirige me in veritate tua, & doce me, quia tu es Deus Salvator meus. O' bom Deos, dai-me luz, e graça para vos servir. O' meu doce Jesus, e Mestre Divino ensinai-me os caminhos da justiça. O' Senhor Deos das virtudes, concedei-mas por vosso amor.* A presença de Deos seja tambem imaginaria, e mais frequente a do recolhimento activo. As communhões podem ser duas, ou tres na semana